

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DAVI LUIZ PAULINO

“A REVOLUÇÃO NÃO SE FAZ NA SERVIDÃO, MAS SIM EM LIBERDADE”: O
ANARQUISMO DE BUENAVENTURA DURRUTI (1910-1936)

SÃO PAULO

2018

DAVI LUIZ PAULINO

“A REVOLUÇÃO NÃO SE FAZ NA SERVIDÃO, MAS SIM EM LIBERDADE”: O
ANARQUISMO DE BUENAVENTURA DURRUTI (1910-1936)

Monografia apresentada ao
Departamento de História da
Faculdade de Ciências Sociais da
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, para obtenção do
título de Bacharel em História.

De acordo,

Prof. Dr. Antonio Rago Filho

SÃO PAULO

2018

À Orminda, minha mãe,
farol que ilumina meus
caminhos.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, professor Antonio Rago Filho, pela oportunidade em poder desenvolver uma pesquisa sobre o anarquismo, pela sua paciência e ajuda. Saliento também que fico feliz em terminar a graduação não somente com um orientador, mas com um amigo.

Agradeço a professora Vera Lúcia Vieira por toda a ajuda e suporte que me deu durante a minha graduação e pela oportunidade em apresentar, ao seu lado, uma pesquisa sobre a questão de terras na Revolução Mexicana durante o seminário dos 100 anos da Revolução Russa.

Aos professores Alberto Luiz Schneider e Mauro Luiz Perón por todo aprendizado, pelo incentivo a continuar pesquisando e, principalmente, pela amizade construída ao longo desses quatro anos.

Aos amigos que estiveram ao meu lado durante essa graduação, em especial, Iago Toledo e Guilherme Shirazawa (Japonês) que sempre estiveram comigo nos momentos em que mais precisei, agradeço todos os conselhos e carinho. Guilherme que mesmo em terras lusitanas está sempre em contato comigo para confabularmos sobre nossas futuras pesquisas.

Agradeço a minha mãe, a quem dedico esse trabalho, por todo amor, carinho e ensinamentos que levarei por toda a vida. Nunca me esquecerei dos sacrifícios que fizeste para que eu pudesse ter uma formação digna e humana, sua simplicidade e humildade me dão orgulho de tê-la como mãe. Eu te amo muito.

Agradeço a minha namorada, Maria Carolina, por todo amor e carinho. Sua companhia foi fundamental para que eu continuasse apesar de todas as adversidades.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu irmão, Ricardo, minha maior referência como intelectual e pessoa humana.

Resumo

Este trabalho busca analisar a construção do anarquismo espanhol a partir da figura do anarquista Buenaventura Durruti (1896-1936) visando compreender como se constituiu a relação entre a ideia e a prática durante os anos de 1910 a 1936. O objetivo é analisar a trajetória de Durruti a partir das ações práticas da classe trabalhadora e com isso, abordar em qual medida a participação do anarquista fora importante para esses acontecimentos. Busco estudar como se inicia a militância durrutiana, quais foram suas bases, como fora construída e qual sua relação com o movimento operário espanhol em uma perspectiva mais ampla. Para realizar tal empreitada me debruço sobre o periódico *Solidaridad Obrera* com o intuito de entender a organização de classe e como Durruti não deixou uma produção teórica, analiso seus discursos no referido jornal, bem como nas cartas, atas de congressos e comunicados que foram recuperados por seu biógrafo, Abel Paz. Nossa hipótese era demonstrar que a militância de Buenaventura Durruti estava intrinsecamente ancorada nas ações da classe trabalhadora no período, principalmente na Revolução Espanhola iniciada em 1936. Como referencial teórico, me amparo nos estudos de Edward Thompson e Eric Hobsbawm que abordam a classe trabalhadora como um constante processo de *fazer-se classe*.

Palavras-chave: Buenaventura Durruti, Movimento Operário, Anarquismo e Espanha.

Abstract

This work seeks to analyze the construction of Spanish anarchism from the figure of the anarchist Buenaventura Durruti (1896-1936) in order to understand how the relation between idea and practice was constituted during the years 1910 to 1936. The objective is to analyze the trajectory of Durruti from the practical actions of the working class and with that, to address to what extent the participation of the anarchist was important for these events. I seek to study how the Durrutian militancy begins, what its bases were, how it had been built and what its relationship with the Spanish labor movement in a broader perspective. In order to carry out such work I dwell on the *Solidaridad Obrera* newspaper in order to understand the class organization and as Durruti did not leave a theoretical production, I analyze his speeches in the newspaper, as well as the letters, minutes of congresses and communiqués that were recovered by his biographer, Abel Paz. Our hypothesis was to demonstrate that Buenaventura Durruti's militancy was intrinsically anchored in the actions of the working class in the period, especially in the Spanish Revolution begun in 1936. As a theoretical reference, I rely on the studies of Edward Thompson and Eric Hobsbawm approach the working class as a constant process of becoming class.

Key words: Buenaventura Durruti, Labor Movement, Anarchism and Spain.

Lista de Abreviações

AIT – Associação Internacional dos Trabalhadores

CEDA – Confederação Espanhola das Direitas Autônomas

CNT – Confederação Nacional do Trabalho

Comintern – Internacional Comunista

FAI – Federação Anarquista Ibérica

PCE – Partido Comunista Espanhol

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PSOE – Partido Socialista Operário Espanhol

PSUC – Partido Socialista Unificado da Catalunha

UGT – União Geral dos Trabalhadores

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução | 10 |
| A condição socioeconômica da Espanha no início do século XX..... | 12 |
| A construção do anarquismo no movimento operário e sua recepção em solo espanhol..... | 14 |
| Das lutas iniciais da CNT à militância de Buenaventura Durruti | 20 |
| Durruti entre a Ditadura de Primo de Rivera e a instauração da II República | 29 |
| Os antecedentes da revolução de 1936: a militância durrutiana durante a II República | 38 |
| 1936: guerra e revolução..... | 63 |
| Considerações finais..... | 83 |
| Fontes e referências bibliográficas | 85 |

Introdução

A classe trabalhadora não é algo estático, sua constituição é um movimento completamente vivo, encontra-se em um processo constante de *fazer-se*, suas organizações, suas ideias aprimoram-se com as práticas de luta. Ela age de acordo com as condições objetivas de sua realidade e o desenvolvimento de seu pensamento parte da crítica dessa realidade para estabelecer processos que abram caminhos pra inverter a ordem social vigente.

E é exatamente pela análise dessa realidade que iniciamos nosso estudo. O primeiro capítulo traça o percurso do desenvolvimento socioeconômico da Espanha desde o início do século XX, compreendendo as dinâmicas políticas e sociais da sociedade espanhola e a situação da classe trabalhadora no período, tanto no perímetro urbano quanto no perímetro rural. Atentamos também para o atraso econômico do país em relação às demais potências europeias.

Entendendo a conjuntura espanhola, partimos para o segundo capítulo que aborda a construção do pensamento anarquista em uma perspectiva mais ampla e como fora sua recepção na Espanha, estabelecendo uma ponte entre a militância libertária na AIT e sua célula atuante espanhola responsável por propagar esse pensamento entre trabalhadores do campo e da cidade.

O terceiro capítulo compreende as lutas iniciais da CNT até a militância de Buenaventura Durruti. Nessa parte trabalhamos sobre a construção das greves do período e como foram analisadas pelos trabalhadores de um modo geral, e principalmente a recepção dessas greves no pensamento do jovem Durruti.

Centrando as análises na figura de Durruti, estudamos sua prática militante no período entre a ditadura de Primo de Rivera até a proclamação da II República. Estabelecemos o percurso de seu trabalho anarquista em solo espanhol e nas suas experiências no exílio, dentre os caminhos seguido por ele centramos nossa atenção em sua estadia na França e no Uruguai, isso porque, como é possível ver em nossa pesquisa, esses locais contribuíram de maneira profunda no desenvolvimento do anarquismo durrutiano.

Seu retorno à Espanha coincide com a proximidade da instauração da II República e esse será o objeto de estudo de nosso quinto capítulo. Abordamos como fora construída a militância anarquista durante o período republicano, explicitando o modo como era conduzida a repressão às atividades operárias. Durruti nesse contexto participa de maneira constante nas lutas da classe trabalhadora, atua com frequência em assembleias, congressos e reuniões com o intuito de instruir os trabalhadores acerca da teoria anarquista e deitar as bases da revolução social.

No período republicano registramos inúmeras insurreições do operariado e do campesinato. Tentamos compreender a causa e o desenvolvimento de tais processos, bem como qual fora o papel desempenhado por Durruti nesses atos.

Com o golpe militar de 1936, os trabalhadores respondem com a revolução social. A partir disso, estudamos a presença de Durruti na defesa da revolução por meio de uma Coluna antifascista que lutou em Zaragoza, Aragão, Barcelona e Madri. Abordamos também o processo de coletivização no campo e na cidade, buscando compreender em que medida o anarquismo deu as bases para esse processo.

A condição socioeconômica da Espanha no início do século XX

A Espanha nas três primeiras décadas do século XX, diferentemente dos demais países da Europa Central tinha estruturas praticamente feudais, tanto em seu aspecto econômico quanto no social.

A Igreja desempenhara papel importante na configuração dessa estrutura, visto que partia de um posicionamento anticapitalista atrelado ao ensinamento medieval da usura, embora o clero mantivesse todas as formas de privilégios e ao lado da aristocracia, correspondiam às classes abastadas do país. É necessário ressaltar que a Igreja Católica era a responsável pela organização do ensino na Espanha, controlando “todos os aspectos da educação e colocava a população inteira sob a custódia protetora da mente ao queimar livros para manter bem longe a heresia religiosa e política.” (BEEVOR, 2007, p. 41)

Se temos o atraso do ponto de vista social, o aspecto econômico não é diferente. Segundo o historiador Abel Paz,

A sociedade espanhola de 1936 contava com uma estrutura agrícola pouco evoluída, tendo em vista que ela encontrava-se (nas zonas com predominância latifundiária) praticamente nas mesmas condições que na época de sua formação, na baixa Idade Média. Podemos inclusive afirmar que, no plano da técnica da exploração agrícola, ela havia regredido, em alguns casos, à época romana. (PAZ, 2015, p. 36)

Esse arcaísmo camponês na produção agrícola corresponde à forma de vida desumana na qual era submetido o campesinato, para uma dimensão maior desse fenômeno, constatamos casos em que famílias residiam em grutas nas regiões de Jaén e Almería. De acordo com Paz, a alimentação era completamente precária, correspondendo à dieta com base em uma massa de farinha de milho cozida e colorida com pimenta vermelha e acompanhada com frutas que na maioria dos casos eram furtadas das grandes propriedades.

As condições de vida do grosso da população era resultado da má remuneração dos trabalhadores do campo e da cidade. Na Agricultura as jornadas de trabalhos eram de doze horas com soldo de duas pesetas, já na Indústria as condições não eram das melhores, porém os salários eram mais altos.

Em comparação aos demais países europeus, a Espanha era um país de capitalismo subdesenvolvido, sua organização industrial se concentrava principalmente na região da Catalunha. E mesmo assim esse setor junto à mineração era responsável por apenas 18% dos empregos, ou seja, o grande número de trabalhadores se concentrava no campo.

Esse processo desigual de industrialização que basicamente se restringia ao Norte fora resultado da política monarquista que reservava sua preocupação aos interesses da corte e do clero e não ao desenvolvimento econômico do país.

O quadro de superexploração ao qual trabalhadores estavam submetidos os levou a organizarem-se com o intuito de reivindicarem melhores condições de vida e trabalho, como resultado desse processo constatamos tentativas de organização sindical já nos anos de 1830.

No contexto do desenvolvimento organizacional das lutas, é possível verificar a forte presença dos ideais anarquistas entre a classe laboriosa espanhola desde sua formação, para o historiador britânico, Antony Beevor,

A forma anarquista ou libertária de socialismo chegou primeiro e seu desacordo fundamental com o socialismo marxista teria grande repercussão na Espanha. Proudhon já fora traduzido por Pi y Margall, presidente da Primeira República, quando Giuseppe Fanelli chegou a Espanha em 1868. Fanelli [...] chegou a Madri sem nada falar de espanhol e sem um tostão, mas a “Ideia”, como veio a ser conhecida, encontrou um público muito entusiasmado. Em quatro anos havia quase 50 mil bakuninista na Espanha, a maioria deles na Andaluzia. (BEEVOR, 2007, p. 49)

Esse predomínio do anarquismo na Espanha justifica-se pela preferência em relação às formas organizativas dos trabalhadores que prezavam pela livre organização dos indivíduos em cooperativas associadas respeitando o princípio federalista, opondo-se ao centralismo político que ao longo da história espanhola sempre passara por cima dos regionalismos, portanto havia uma identificação do pensamento libertário com a própria realidade do país por parte da população.

É preciso ressaltar que se por um lado o anarquismo enraizara-se profundamente no movimento dos trabalhadores da Espanha, por outro, o socialismo encontra um desenvolvimento lento, resultado do próprio preconceito do qual expressava Marx em relação aos camponeses, pois para o pensador alemão, o operário da fábrica que teria a

missão histórica de destruir o sistema capitalista e como o país era predominantemente agrícola, as ideias socialistas demoraram mais a se desenvolver.

Importante evidenciar que mesmo na área industrializada (Norte da Espanha) o anarquismo fora muito forte e como veremos mais a frente ele se tornou o bastião libertário durante o processo revolucionário de 1936 naquela região.

A construção do anarquismo no movimento operário e sua recepção em solo espanhol

A construção do anarquismo em Espanha está intrinsicamente atrelada às atividades políticas desenvolvidas no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores-AIT (1864-1876), isso amparado pela própria configuração dessa organização que mesmo abarcando tendências diversas em seu meio, presava por princípios libertários.

Partindo dos relatos do militante francês Benoît Malon¹, membro da AIT, é possível traçar aspectos do princípio federativo de matriz proudhouniano que posteriormente fora desenvolvido pelo anarquista russo Mikhail Bakunin no seio constitutivo da recente organização, dentre os aspectos é importante ressaltar o modo de representatividade nos congressos, cada seção elegia um ou mais delegados que formavam um conjunto de representantes das seções confluindo no conselho federal, lembrando que o cargo de delegado poderia ser revogado se assim fosse a vontade da seção, portanto, presenciamos uma forma organizativa que parte da base ao cume.

Como resultado desse processo, o Conselho Geral da Associação, teria a função de executar as resoluções aprovadas em cada congresso, partindo disso, evitava-se a burocratização ou criação de líderes entre os trabalhadores.

A AIT não dispunha de uma teoria *oficial*, mas pelo contrário, reunia tendências e ideologias variadas, dentre elas destacamos o mutualismo, o coletivismo, o comunismo e o positivismo², isso pode ser explicado pela defesa da autonomia, uma vez que cada federação pertencente a Internacional era responsável pela redação de seu

¹ Benoît Malon (1841-1993), militante operário, *communard*, jornalista e escritor francês.

² Esclarecemos que aqui não há referência explícita ao termo *anarquismo*, porém ele está presente em duas formas estratégicas de luta, o mutualismo e o coletivismo.

próprio regulamento. Esse preceito encontra-se ancorado na aversão às formas de autoridade, impostas de cima para baixo, que pode ser presenciado, como exemplo, nas seções francesas e espanholas.

A federação espanhola desempenha um forte papel na consolidação da organização do movimento operário na Espanha, contando por volta de 1872 com 600 sociedades operárias e 40.000 membros na AIT. Desenvolvendo também o anarquismo para a particularidade histórica hispânica, como podemos constatar na declaração da federação de Barcelona em 1871,

Considerando:

Que, contra o poder coletivo das classes possuidoras, o proletariado não pode agir como classe senão constituindo a si próprio como partido político oposto a todos os antigos partidos formados pelas classes possuidoras;

Que essa constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e seu objetivo supremo, a abolição das classes, etc...

– O que sustentamos e continuaremos a sustentar, – dizem, por sua vez, aqueles que defendem a política socialista e querem a substituição do Estado, fosse ele *popular* como desejam os alemães, pela livre federação dos grupos trabalhadores solidarizados, e das *Comunas* sociais, – o que continuaremos a apoiar, é que a classe operária deve ter sua própria política, uma política que esteja em harmonia com seus interesses de classe e responda às suas aspirações legítimas, uma política que não poderia ser de modo algum aquela dos partidos burgueses, cujos interesses exigem a manutenção das instituições existentes...

Eis por que devemos separar-nos de todos os antigos partidos políticos formados pelas classes possuidoras, inclusive o partido republicano tal como se encontra hoje construído, isto é, inspirado e dirigido por homens da classe média que estão perfeitamente satisfeitos com o meio social atual.

Nossa missão é maior, mais revolucionária. Ela consiste na organização do sufrágio universal, por meio do agrupamento e da federação das sociedades operárias. Sem tal organização, o sufrágio será sempre para nós uma sangrenta farsa. Consagremo-nos todos a essa obra de salvaguarda, e não percamos nosso tempo e nossas forças a apoiar a causa de nossos inimigos...

La Federación de Barcelona, 1871. (apud MALON, 2014, p. 62)

Esse comunicado expressa claramente a tendência libertária entre os membros espanhóis, correspondendo às prédicas da própria organização que em seu estatuto de fundação preconiza o repúdio a luta dos trabalhadores na esfera parlamentar. Importante ressaltar também que o anarquismo espanhol, construído no internacionalismo da AIT, defendia a organização dos trabalhadores em seu partido, porém diferentemente dos moldes burgueses, eles defendiam a destruição das instituições burguesas vigentes, ou

seja, pregavam o fim do Estado, tal posicionamento aparecerá na fundação da *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT) em 1910.

Redigido pela delegação de Barcelona, o manifesto nos permite refletir acerca da profunda teoria anarquista que vinha sendo construída na Espanha, lembrando que esses trabalhadores provinham das regiões mais industrializadas do país, buscamos demonstrar que o pensamento libertário correspondia ao anseio tanto do trabalhador da fábrica quanto o do campo.

Para ter-se a dimensão dos ideais ácratas dentro do movimento operário espanhol, reproduziremos a declaração da delegação de Madri sobre a festa cívica de 2 de maio³, nessa análise, os madrilenhos demonstram clara aceitação das ideias internacionalistas da AIT, defendendo que a luta pela emancipação dos trabalhadores não se restringe a fronteiras nacionais, mas deve ser internacional.

Operários! Nós não celebramos a festa do 2 de maio.

Quando todos os operários do mundo estendem fraternalmente suas mãos pelos continentes e pelos mares, celebrar festas patrióticas, celebrar o que é a causa eterna de nossa desunião, seria um verdadeiro crime.

O patriotismo é uma ideia que tende a separar os povos entre si e reavivar constantemente os ódios criados pelos tiranos e pelos exploradores.

A pátria é uma ideia mesquinha, indigna da inteligência robusta da classe dos trabalhadores. A pátria do operário é a oficina, e a oficina dos filhos do trabalho é o mundo inteiro.

Quando a terra jazia sob a sombra espessa da árvore da barbárie e da ignorância, a ideia da pátria era o astro luminoso que de tempos em tempos lançava uma claridade no seio de suas profundas trevas. Mas hoje, na época das ideias internacionais, a pátria não tem mais razão de ser. *La Federación* de Madri, sd. (*apud* MALON, 2014, pp. 65-66)

A declaração tem profunda importância pelo fato de estender a solidariedade internacionalista não somente no âmbito teórico do anarquismo, mas sim pô-la em prática aos seus respectivos companheiros franceses que, como sabemos, estavam sob as agruras da tragédia comunalista⁴ de 1871.

No atual momento vemos como os trabalhadores espanhóis vinculados a Internacional eram amplamente ancorados nas prédicas libertárias, repercutindo em solo hispânico pela “chegada de militantes da França e da Itália que faziam parte da Aliança

³ Comemoração em memória dos patriotas espanhóis que morreram em 1808, combatendo em Madri as tropas francesas.

⁴ Referimo-nos ao episódio conhecido como *Semana Sangrenta* em que os membros da Comuna de Paris foram massacrados pelas tropas comandadas por Adolphe Thiers em 28 de maio de 1871.

da Democracia Socialista, organização secreta fundada por Bakunin.” (RODRIGUES, 2011, p. 81)

Como apontado anteriormente, a calorosa recepção ao pensamento anarquista na Espanha acompanha a própria estrutura organizacional da sociedade espanhola, pois o princípio federativo que percorre os escritos libertários configura a base para se pensar os regionalismos do país (Catalunha, País Basco) que pregavam a autonomia em relação ao governo madrilenho. Podemos ver a questão no pensamento federalista do catalão Pi y Margall⁵ estruturando o seu federalismo de matriz proudhouniana da seguinte forma,

O federalismo de Margall era uma força política significativa na Espanha do século XIX, principalmente entre as décadas de 1850 e 1860, predominante fora de Castela, principalmente na Catalunha, e era constituído, na sua maioria, por uma classe média baixa (pequenos comerciantes) e parte dos trabalhadores urbanos. Ao longo dessas duas décadas, no entanto, o movimento federalista não logrou êxitos políticos ou econômicos significativos que tenham transformado para melhor a vida dos trabalhadores espanhóis, o que levou ao descontentamento e desânimo. Assim como o mutualismo de Proudhon, o federalismo de Margall mostrou-se reformista, distante dos anseios revolucionários da grande parte dos camponeses e trabalhadores espanhóis. Por isso a grande receptividade às ideias anarquistas disseminadas por Fanelli em 1868. (RODRIGUES, 2011, p. 84)

Continuando com o pensamento desenvolvido por Rodrigues, além do federalismo preconizado a partir de Proudhon, o autor estabelece razões que contribuíram para o enraizamento do anarquismo, dentre elas a própria condição de vida da população que se encontrava em extrema miséria e exploração, exigindo mudanças estruturais da sociedade que alterasse esse quadro, o anarquismo se tornara a teoria dos trabalhadores para questionar a ordem vigente, bem como a base para a construção de uma nova sociabilidade.

Esse pensamento aparece também em Bakunin, numa carta endereçada a Francisco Mora⁶ datada de 1872 ele esboça a situação espanhola, que para ele é “completamente revolucionária, isto é, economicamente desesperada, e as massas começam a organizar-se de maneira muito séria; seus interesses começam a tornar-se ideias.” (BAKUNIN, 2017, p. 178), tal visão bakuniniana confirma a tese de Rodrigues, visto que na década de 1870 ocorre inúmeras insurreições no campo e na cidade com reivindicações estruturais, como a questão da terra, condição de trabalho, dentre outras, porém essas revoltas foram sufocadas pelas forças governamentais.

⁵ Pi y Margall (1824-1901) fora um pensador e político espanhol, sendo o segundo presidente do poder executivo da Primeira República Espanhola.

⁶ Francisco Mora era membro da delegação espanhola da AIT.

A radicalidade das organizações dos trabalhadores levará a criação, em 1881, da Federação dos Trabalhadores da Região Espanhola encerrando suas atividades em 1888, porém nesse período ocorrem inúmeros congressos, florescem publicações anarquistas e constituem-se novas diretrizes para o desenvolvimento do movimento libertário espanhol e,

Aos poucos as diretrizes vão se tornando cada vez mais claras e assumindo um caráter explicitamente anticapitalista, antiestatal, baseado na autogestão, na federação e na coletivização dos meios de produção, onde o centro da organização da vida social são o trabalho e as organizações responsáveis pela gestão da economia e da política são os sindicatos e organizações de trabalhadores. (RODRIGUES, 2011, p. 89)

Percebemos como o trabalho começa a tornar-se a centralidade do projeto revolucionário dos anarquistas, configurando-se ao mesmo tempo a base no qual se sustentará a nova sociedade autogestionária.

Entretanto, no início dos anos de 1890 o anarquismo espanhol passa por crise no aspecto estratégico, principalmente entre os grupos coletivistas e anarco-comunistas, o segundo grupo sendo partidário das ideias de Piotr Kropotkin. Para o coletivismo, os militantes deveriam ingressar nas organizações operárias com o intuito de disseminar nelas os ideais anárquicos, mas não de forma imposta ou autoritária e sim pelo exemplo, além de defenderem a tese de que na futura sociedade libertária a produção seria distribuída de acordo com o trabalho de cada pessoa, “argumentando que era possível atender às necessidades de todos mediante adaptações na distribuição de forma que se levasse em conta a quantidade de membros de cada família.” (RODRIGUES, 2011, p. 92), já para os anarco-comunistas, a militância seria composta por organizações de pequenos grupos com a função de propagar o anarquismo pela ação e pela propaganda, sem necessariamente pertencer a uma organização operária, diferentemente dos coletivistas eles pensavam a produção da seguinte maneira: como pautar a distribuição de acordo com o trabalho sendo que há pessoas que não conseguem garantir sua própria subsistência, por exemplo, idosos e crianças, partindo desse questionamento, a produção para eles seria distribuída não de acordo com o trabalho, mas sim de acordo com a necessidade.

No contexto de crise, a Catalunha e a Andaluzia ocupam espaço importante, pois lá se desenvolvera um aspecto importante do anarquismo que marcará presença nas lutas futuras. Segundo Rodrigues há uma divisão estratégica entre operários (catalães) e

camponeses (andaluzes), o primeiro grupo preconizava a luta sindical como mecanismo de transformação da sociedade e conquista de direitos, o segundo partia da defesa de métodos violentos e diretos na luta revolucionária, fato que marcará a era dos atentados na Espanha, embora a tática tenha se demonstrado infrutífera, essa época deixa marcas no anarquismo,

O início da década de 90 não foi caracterizado apenas pelo crescimento da ação direta violenta (desorganizada e ineficiente), mas também pela aproximação do pensamento anarquista com intelectuais, artistas e determinados profissionais liberais, como professores, arquitetos, médicos e engenheiros. Deste encontro, a manifestação mais significativa foi a constituição de uma pedagogia libertária, cujo objetivo principal era a criação de escolas e centros culturais onde camponeses e operários pudessem ser alfabetizados, ter acesso à cultura e produzir conhecimento a partir de suas próprias experiências à luz de uma perspectiva libertária. (RODRIGUES, 2011, p. 93)

A integração ao anarquismo de intelectuais contribuiu de maneira perspicaz para o florescimento da pedagogia libertária em solo espanhol, principalmente a idealização das escolas racionalistas proposta por Francésc Ferrer i Guardia⁷ que desempenhou papel importante na crítica ao ensino controlado pela Igreja Católica, propondo, em contrapartida, uma pedagogia que emanciparia o indivíduo de toda tutela, seja da Igreja ou a do Estado. Por essa proposta Ferrer i Guardia fora fuzilado durante a Semana Trágica⁸ de 1909, embora não tivesse qualquer envolvimento no acontecimento a Igreja exerceu forte pressão para que ele também fosse condenado, já que a militância de Ferrer exercia um risco à hegemonia da Igreja em relação à educação e para isso recorreram a “testemunhos obviamente falsos e a sua execução provocou um onda de protestos na Espanha e no exterior.” (BEEVOR, 2007, p. 52)

A dimensão que resultou na experiência trágica de 1909 tem por base o desenvolvimento operário da Catalunha, em 1907 sob a influência do anarcossindicalismo francês da CGT⁹ funda-se a organização sindical *Solidaridad Obrera* articulando em seu seio várias tendências (anarquistas, socialistas, comunistas e sindicalistas) com intuito de organizar a massa dos trabalhadores através da sindicalização e adotando as diversas ideologias ela seguia o conselho bakuniniano, no qual as massas,

⁷ Francésc Ferrer i Guardia (1859-1909) pedagogo e político espanhol, fundador da Escola Moderna de matriz racionalista.

⁸ A Semana Trágica caracterizou a experiência da Greve Geral na Catalunha contra a medida do governo de convocar os reservistas para compor as tropas do exército para lutar no Marrocos e com isso enfraquecer o movimento operário catalão.

⁹ Confederação Geral dos Trabalhadores.

[...] esclarecidas cada vez mais pela luta e pela livre propaganda das ideias diferentes, dirigidas por seu próprio instinto e cada vez mais elevadas à consciência revolucionária pela própria prática e pelas consequências inevitáveis da solidariedade universal da luta do trabalho contra o capital, as massas elaboraram lentamente, é verdade, mas de uma maneira infalível, seus próprios pensamentos, teorias que surgirão de baixo para cima, mas que não serão mais impostas de cima para baixo. (BAKUNIN, 2017, p. 219)

Concluindo esse ponto, com o desenvolvimento da *Solidaridad Obrera* e seu papel na Greve Geral da *Semana Trágica* temos um novo marco na história do movimento operário espanhol. Em outubro de 1910, com o intuito de organizar em nível nacional as lutas política e econômica dos trabalhadores os sindicatos se reúnem em Sevilha e decidem pela criação de uma nova organização da classe trabalhadora do campo e da cidade, surge então a Confederação Nacional do Trabalho, a CNT.

Das lutas iniciais da CNT à militância de Buenaventura Durruti

A CNT desde sua criação até o final de 1919 contará com mais de 700 mil militantes, tornando-se a maior organização do movimento operário espanhol, em seu meio não era exigido que o trabalhador se declarasse anarquista, com isso seguia os moldes da própria AIT, porém sua prática sindical era anarcossindicalista.

Em sua primeira década de atividade é importante ressaltar algumas informações sobre a própria estrutura espanhola. Segundo o historiador Antony Beevor, durante a Primeira Guerra Mundial os industriais espanhóis obtiveram lucros enormes, contribuindo para uma ampliação do desenvolvimento da industrialização espanhola, porém a situação dos trabalhadores ainda era de penúria, visto que pelo aumento da inflação os preços dobraram enquanto os salários aumentaram somente em 25%, levando ao aumento da desigualdade social em solo espanhol.

Do lado camponês a situação não era diferente, a forte organização dos trabalhadores rurais foi registrada de maneira elucidativa por Beevor,

As greves de trabalhadores rurais seguiam-se uma à outra em ritmo rápido. A Guarda Civil era chamada e o problema, suprimido com tiros e prisões. Os protestos se espalharam de Córdoba a Jaén, Sevilha e Cádiz, com exigências de melhores condições de vida e de reconhecimento dos sindicatos rurais. Mas encorajados por notícias do outro lado da Europa, adotaram lemas como “Vivan los soviets!”, que pintavam em muros caiados, confirmando as suspeitas dos donos da terra de que, se baixassem a guarda, poderiam ter o mesmo destino terrível dos proprietários russos. (BEEVOR, 2007, p. 55)

Esse clima de contestação na sociedade espanhola repercute na governabilidade do país, pois como registrado por Beevor, entre 1917 e 1923 ocorre 23 grandes crises governamentais e 30 interrupções menores¹⁰, causando grande instabilidade e alternância de governantes, o que inviabilizava a implementação de quaisquer tipos de reformas.

É nesse cenário de efervescência operária que Buenaventura Durruti desempenhará a militância de toda uma vida. Nascido em 14 de julho de 1896 em León na Catalunha, filho de Santiago Durruti-Malgor e Anastásia Dumange-Soler, desde criança sempre estivera presente nas lutas da classe operária, seu pai, Santiago, fora militante operário, participando ativamente das greves como, por exemplo, a dos carreiros iniciada em 1903 com duração de nove meses e mesmo com sua prisão ao lado de outros militantes, essa greve foi vitoriosa para os trabalhadores, caracterizando o início do movimento organizado na região de León.

Não é por acaso que Durruti escreverá em 1927 uma carta a sua irmã Rosa com os seguintes dizeres “desde a mais tenra idade, a primeira coisa que discerni à minha volta foi o sofrimento, não somente o da nossa família, mas também o dos vizinhos. Por intuição, já era um rebelde. Creio que então o meu destino decidiu-se.” (DURRUTI *apud* PAZ, sd, p. 7) E de fato, ele sempre fora um revolucionário fiel aos princípios libertários como veremos mais a frente.

Seguindo a tradição da família nas lutas operárias, Durruti em 1912 ingressa na oficina de Antônio Miaja para aprender o ofício de torneiro de ferro, com a conclusão do curso passa a ser membro da União dos Metalúrgicos, era o início da atividade militante de Buenaventura Durruti, com apenas 16 anos.

Reconstruindo o caminho de sua militância percebemos que desde jovem sempre participava dos debates no sindicato metalúrgico na época filiado a UGT, porém já são perceptíveis as tendências libertárias de suas atividades, questionando sempre o caráter reformista da organização da qual fazia parte e propondo que para a luta com a burguesia os trabalhadores deveriam ter em mente a destruição completa do sistema capitalista, defendendo que os espaços de luta não poderiam partir somente das ocasiões dadas pela classe dominante, mas sim construída pelo conjunto dos operários.

¹⁰ Principalmente atrelados a pedidos de demissão por parte de governadores.

A classe trabalhadora da qual Durruti faz parte encontra-se em amplo crescimento, principalmente pelo desenvolvimento da região norte do país pós-1914. Na mesma linha de Beevor, Abel Paz identifica o período de ampliação da economia para,

A indústria, o comércio e o transporte marítimo começavam a crescer a um ritmo acelerado. As indústrias metalúrgicas e de extração foram as mais favorecidas. A tal ponto que se viu antigas empresas ressuscitarem. As minas foram exploradas de maneira intensiva. Esse ritmo novo de produção aumentou o número de operários nas fabricas e nas minas e provocou uma migração de população para as zonas industrializadas. (PAZ, sd., p. 12)

Com o claro cenário de expansão industrial no período bélico o movimento operário registra, também, seu crescimento, principalmente na questão da organização, cada vez mais trabalhadores buscam participar dos sindicatos, bem como das outras organizações (CNT, UGT, etc.).

Os jornais do período cumpriam duas funções, a primeira como noticiador dos acontecimentos tanto na Espanha quanto no estrangeiro, buscando com isso posicionar os trabalhadores para lutas futuras e para essa função ele tinha caráter pedagógico, ou seja, contribuía para o estudo teórico dos trabalhadores disponibilizando em suas páginas textos clássicos do anarquismo¹¹ ou indicando obras de formação para os trabalhadores. Posicionamento encontrado no jornal *Solidaridad Obrera*¹²,

Temos a venda este interessante folheto, formado por uma coleção de artigos compilados por James Guillaume, cujos artigos do qual o autor é Mikhail Bakunin, fecham fundamentalmente os princípios do atual movimento sindicalista revolucionário e nos quais o grande revolucionário russo pôs em relevo a ação emancipadora pela prática do movimento econômico do proletariado.

Os jovens militantes e aqueles que querem conhecer com precisão o pensamento da organização sindicalista, encontrarão em suas páginas, que recomendamos calorosamente grandes aprendizados.

La política de "La Internacional", preço 10 centavos, pedidos pela administração de Solidaridad Obrera. (SOLIDARIDAD OBRERA. 15 de setembro de 1916. p. 4. Tradução nossa.)

Essa passagem do periódico é muito esclarecedora para esse estudo, muito mais do que um anúncio de importante obra do pensamento anarquista, podemos compreender as bases do próprio sindicalismo que se desenvolvia em solo espanhol, concluindo que o anarcossindicalismo da CNT era claramente de matriz bakuniniana,

¹¹ Referimo-nos a autores como Bakunin, Kropotkin, Reclus, dentre outros.

¹² Jornal sindicalista pertencente à Confederação Regional do Trabalho da Catalunha e porta-voz da Confederação Nacional do Trabalho.

partindo do pressuposto que o *Solidaridad* já defendia a tese de que o atual movimento sindicalista revolucionário estava ancorado nas ideias de Mikhail Bakunin.

Enquanto os trabalhadores se organizavam, a burguesia espanhola criticava as estruturas da sociedade que, segundo ela, bloqueava o desenvolvimento capitalista no país devido a seu caráter feudal, entretanto, como mostra Abel Paz, a própria classe produtora não pensava a acumulação de capitais com via de investimento na Indústria, o que resultaria posteriormente em crise econômica.

O período de crise foi acompanhado pelo processo revolucionário na Rússia que encontrou ampla recepção entre as classes populares na Espanha, pois pela primeira vez operários e camponeses tomaram em suas mãos os meios de produção mostrando que eram plenamente capazes de gerir a construção de um novo projeto de sociedade. Ressaltando o caráter semelhante da estrutura socioeconômica de ambos os países que pode ter influenciado o movimento espanhol, principalmente no caráter federativo dos soviets que garantiam a autonomia das decisões por parte dos trabalhadores.

Segundo Paz, o contexto da crise espanhola e da Revolução Russa foi aproveitado pela CNT para convocar os trabalhadores para construir uma greve insurrecional que colocaria em evidência o projeto revolucionário proposto pela organização anarcossindicalista, isso tendo em mente que os partidos burgueses encontravam-se divididos no que toca a questão do desenvolvimento econômico, da guerra do Marrocos e por fim, da própria crise da monarquia, portanto esse seria o momento oportuno para um estopim revolucionário. Enquanto que a UGT, na qual Durruti ainda era membro, preconizava a formação de um bloco de coalização que pressionaria os partidos de direita a atender as reformas¹³ solicitadas pelos trabalhadores, ou seja, tinha um programa mais reformista do que revolucionário.

Buenaventura Durruti sempre crítico do programa reformista da socialista UGT participava ativamente dos projetos operários, marcou presença na greve geral de agosto de 1917, depois se dirige para Astúrias com o intuito de ajudar na greve mineira. Essa militância o torna conhecido pelas autoridades obrigando-o a exiliar-se na França de dezembro de 1917 a março de 1919, período importante para a formação de Durruti,

¹³ Aumento salarial, redução da jornada de trabalho, fim da violência patronal que era defendida pelo Estado.

pois em solo francês ele estabelece contato com o sindicalismo revolucionário da CGT¹⁴ que estará presente na práxis revolucionária ao longo de sua vida.

Em seu retorno à Espanha encontrará a CNT com enorme prestígio entre os trabalhadores devido a sua atuação marcante, o contato de Durruti com a central sindical ocorre em Mieres, centro metalúrgico fortemente influenciado pelo anarcossindicalismo. Salientamos, porém, que não vemos uma transição teórica em Durruti, ou seja, não há uma fase socialista e uma anarquista, mesmo durante sua militância na UGT suas críticas, posicionamentos e militância sempre partiam da reflexão libertária, portanto, seguimos o pensamento de Abel Paz que defende a tese de que Durruti sempre fora anarquista. O ingresso oficial de Durruti na CNT acontece em 1920 em Barcelona.

O anarquismo se espalha pelo país, principalmente após a greve geral de 1917, cidades como Bilbao e San Sebastian começam a ter um movimento operário organizado sob as prédicas libertárias. Dentro desse processo, Durruti forma o grupo Los Justiceiros, com atuação em San Sebastian e Zaragoza, buscando sempre disseminar o pensamento anarquista entre os operários e camponeses e lutando contra a repressão governamental.

Em Barcelona a situação era mais complexa, por ter sido pioneira no desenvolvimento das organizações anarquistas ela enfrentara um processo de lutas que passaram da esfera sindical encontrando-se próximo do que qualificamos como guerra civil, o *pistolerismo*¹⁵ grassava nas ruas, inúmeros trabalhadores, foram mortos, a própria CNT encontrava-se na clandestinidade, porém clamava pela solidariedade dos trabalhadores de toda a Espanha para lutar contra a repressão brutal provinda da burguesia.

Para Zaragoza encontramos também o cenário de recrudescimento da repressão, dado que a região encontrava-se em processo de completa sindicalização e a imprensa operária começava a ser perseguida e mesmo com essa perseguição ela conseguia cumprir a função de noticiar e formar teoricamente as classes trabalhadoras.

¹⁴ Confederação Geral do Trabalho.

¹⁵ *Pistolerismo* foi como ficou conhecido a matança de operários por parte jagunços contratados por patrões com o intuito de amedronta-los e enfraquece-los.

Com o cenário de plena organização e aumento da violência patronal, o movimento anarquista começa a propor a criação de uma federação que reunisse os libertários de toda península, propondo unificar as lutas com finalidade de organizar a derrubada do Estado. O responsável por disseminar esse projeto foi Buenaventura Durruti, ele percorreu o país levando a ideia da criação da Federação Anarquista, embora naquele momento ela não tenha saído do papel, sua formulação fora plantada, resultando posteriormente na elaboração da FAI¹⁶ em 1927. Isso nos leva a refletir como Durruti vinha contribuindo com afinco para construção de um movimento anarquista organizado na Espanha.

Sua militância pelo país, segundo Abel Paz, levou a organização na Andaluzia de pactos de solidariedade entre os sindicatos de ofício, unindo dessa forma o conjunto dos trabalhadores andaluzes, esses pactos confluíram na formação de um comitê que coordenaria todas as atividades dando diretrizes de ações para os trabalhadores.

Com o intuito de combater o movimento operário o rei Alfonso XIII convocou Miguel Maura para por em prática um plano de “pacificação” da Espanha que levou a uma forte repressão, assassinatos e prisões de inúmeros trabalhadores que em sua maioria eram filiados a sindicatos. Em resposta,

O comitê local da CNT convocou os representantes dos sindicatos para estudarem, em sessão plenária, a atitude a adoptar em Saragoça: ou a classe operária respondia ao apelo de greve e essa atitude constituiria um triunfo para a CNT e para os prisioneiros; ou a greve não era unânime e então a CNT ficaria enfraquecida e as autoridades teriam o caminho aberto para reforçar a opressão. (PAZ, sd., p. 42)

Enquanto Durruti,

Que assistia a esta reunião, propôs que o apelo à greve fosse lançado aos operários por grupos anarquistas. Assim, em caso de fracasso, a CNT poderia acusar esses grupos “de aventureirismo”; enquanto que, em caso de triunfo, ela seria a única beneficiária e reforçaria a sua influência junto às massas. A proposição foi aceita e os grupos libertários, mais a CNT acordaram um plano de desenvolvimento geral. Era necessário agir depressa, porque estava anunciado para o dia 20 o julgamento do processo dos acusados do atentado contra Bernal. (PAZ, sd., p. 42)

A forte mobilização resultada dessa greve foi eficaz na libertação dos prisioneiros, além de garantir o fim dos processos “antidemocráticos” contra os trabalhadores, a CNT pode sair da clandestinidade, assegurando assim à organização o direito de livre atuação nos meios operários.

¹⁶ Federação Anarquista Ibérica.

Após o processo citado, Durruti travaria um debate dentro de seu grupo¹⁷ que de acordo com Paz, poria à prova a afinidade ideológica do grupo. Inocêncio Pina defendia uma concepção bolchevique de vanguarda revolucionária, alegando que seus companheiros deviam portar-se como “revolucionários profissionais”, enquanto que Durruti partia da tese de que o proletariado seria o verdadeiro portador da revolução e que se o pensamento anarquista fora amplamente aceito entre os trabalhadores era devido a radicalidade anarquista. Para ele os grandes teóricos “tiraram suas ideias da vida do proletariado porque ele é revoltado por instinto e necessidade. A sua condição de classe explorada impõe-lhe a necessidade de lutar para sua própria emancipação.” (PAZ, sd., p. 47).

O debate representa para nós muitos significados. Primeiro demonstra claramente como Durruti se ancorava, de um lado, nos princípios da AIT que preconizava que a “emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores” e defendia uma organização nos moldes bakuniniano, ou seja, não seria um órgão dirigente dos trabalhadores, mas teria a função de “preparar os elementos da organização revolucionária, mas não realizar” e fazer a “propaganda teórica das ideias socialistas nas massas operárias” (BAKUNIN, 2017, p. 216), portanto, podemos auferir que Durruti mantinha profunda fidelidade aos ideais libertários preconizados pela AIT e Mikhail Bakunin, por outro lado, combatia as tendências autoritárias dos bolcheviques que chegavam à Espanha, pois o revolucionário espanhol defendia os pontos libertários dos trabalhadores russos que, diferentemente de Lenin, preconizavam a autogestão da produção pelos operários e nesse contexto partimos da tese que,

[...] foram os anarquistas que tiveram as tomadas de posição mais claras, menos equivocadas e as mais imediatas. Foram eles que, sem qualquer dúvida, melhor personificaram as aspirações revolucionárias dos operários e camponeses. Isso aparece claramente em relação aos comitês de usinas e fábricas. Segundo as indicações de Pankratova, historiadora do assunto, os anarquistas animaram diretamente, entre fevereiro e outubro de 1917, um Centro Revolucionário de Comitês de Usinas e Fábricas, que teria se oposto ao Conselho Central Bolchevique dos Comitês de Fábricas. (SKIRDA, 2017, p. 99)

E seria com um programa próximo ao dos trabalhadores e libertários russos que a CNT e Buenaventura Durruti lutariam contra os fascistas. O programa espanhol defendia a autogestão não só da produção como de todas as esferas da vida, veremos com mais detalhes esse capítulo do movimento anarquista espanhol mais à frente.

¹⁷ Los Justiceiros

Com a ruptura do grupo *Los Justiceiros* pelas questões ideológicas apresentadas acima, Durruti parte para Barcelona onde passa a militar no Sindicato da Madeira e lá formara junto com os amigos, Francisco Ascaso e Garcia Oliver, o grupo denominado *Los Solidarios* em outubro de 1922. O grupo tinha dentre seus objetivos, combater o *pistolerismo*, manter as estruturas sindicais da CNT e por adiante o projeto de criação de uma Federação Anarquista. Explicitamos que a questão organizativa não saía dos objetivos de Durruti, pois para ele, a criação dessa federação ampliaria a disseminação dos preceitos anarquista dentro da CNT.

Abel Paz nos mostra que o grupo não estava sozinho nesse projeto, com a convocação do congresso Catalunha-Baleares pôde perceber que os trabalhadores apoiavam a ideia da organização, como prova disso, o resultado do congresso foi a criação de uma comissão para as relações anarquistas que seria o embrião do que posteriormente desembocaria na FAI.

O congresso abordou, também, a questão antimilitarista, promovendo que os militantes que entrassem no exército utilizaria os espaços de sociabilidades (casernas e afins) para criarem programas de afinidades com o pensamento ácrata, coincidindo com a criação do boletim *Hijo del Pueblo* que teria exatamente a função de teorizar o anarquismo entre as fileiras militares, o saldo dessa empreitada foi positivo, visto que “Aurélio Fernandez insinuava-se nas fileiras do exército, ganhando vários cabos à causa revolucionária, depois alguns sargentos e mesmo oficiais. Nos regimentos situados fora da região catalã, começaram a proliferar comitês antimilitaristas.” (PAZ, sd., p. 52), enquanto que Durruti ficara responsável pela confecção de granadas caseiras, obtendo em pouco tempo aproximadamente seis mil artefatos que seriam utilizados para a defesa dos trabalhadores.

Terminado o congresso o grupo parte em luta para resolver o problema do *pistolerismo* que crescia em Barcelona e Zaragoza, os *Solidarios* obtiveram a informação de que o mais conhecido *pistolero*, Languia, encontrava-se em Barcelona, com isso os membros foram prendê-lo em uma caserna, acontece um breve tiroteio e Languia acaba morto, porém a imprensa burguesa noticia que “o cidadão da ordem” havia sido assassinado, criavam assim a imagem do grupo como uma quadrilha de criminosos. Acrescenta-se ao caso o fato do grupo também ter sido acusado pelo assassinato do Cardeal Soldevila, que acobertava o *pistolerismo* em Zaragoza.

O assassinato do Cardeal levou Durruti à prisão, causando nos *Solidarios* desalento, pois temiam que ele pudesse ser morto, enquadrado na *Ley de fuga*¹⁸, entretanto a prisão foi utilizada para neutralizar a militância de Buenaventura, dado que ele era um dos mais conhecidos anarquistas espanhóis e profundamente odiado pelo clero e pela burguesia e o assassinato fora muito bem usado com essa finalidade, embora ele tenha sido libertado posteriormente por falta de provas.

As pressões dos setores dominantes para sufocar a organização dos trabalhadores começavam a não surtir efeito algum, mesmo com um dos mais conhecidos anarquistas presos, os operários de diversos setores da economia decretaram greves, como podemos constatar no quadro *Huelgas y Otros Conflictos* do *Solidaridad Obrera*,

Badalona

Na fábrica de matérias-primas para a elaboração de cerveja, conhecida por "La Morovia", tem-se declarado em greve de trabalhadores como protesto das seleções que desde a solução da greve do transporte vinha fazendo a direção da dita fábrica.

O que previne os companheiros para que não vão trabalhar na dita fábrica - A Comissão

Granollers

Continua a greve dos padeiros.

Os Grevistas possuídos com o maior entusiasmo mantêm seus pontos de vista. Seguem elaborando pães no povoado de Parets.

San Feliu de Llobregat

Reina grande efervescência entre os grevistas do cimento "Sansón". A direção desta fábrica confia que a fome e a coação rompam a coesão que une o punhado de grevistas que hoje se opõe a continuação da exploração que nesse feudo se faz sofrer o operário.

Bilbao

Os patrões mineiros tem publicado uma nota dizendo que, agora, não veem maneira de resolver o conflito das minas.

Por sua parte, os operários, tem acordado a notificação das bases com que se lançaram a greve. Ademais, como propaganda em prol da manutenção da greve, tem celebrado vários "meetings" em Gallarto, San Julián e em Ortuella. Hoje, domingo, celebraram outro ato em Galdame.

Os outros conflitos seguem mantendo-se sem novidade.

¹⁸ Assim ficou conhecido o processo conduzido pela polícia que armava uma performance teatral em que alegava que o preso tentaria fugir e, portanto, fora morto, mas o que se tratava fundamentalmente era de uma execução sumária.

Oviedo

A greve da fábrica de eletricidade de Santa Cruz tem sido resolvida segundo as petições feitas pelos operários.

Tem começado a trabalhar todos os grevistas. Enquanto os fura-greves foram despedidos.

Ferrol

Os grevistas barbeiros e cabelereiros estão estabelecidos em um salão no centro operário. (SOLIDARIDAD OBRERA. 5 de agosto de 1923. p. 2. Tradução nossa.)

A partir desse quadro podemos compreender a complexidade da organização sindical espanhola, principalmente dos sindicatos ligados a CNT, as greves eram coordenadas no plano local e regional, além de *meetings* (reuniões) que eram chamadas durante o processo grevista com o intuito de preparar as reivindicações ou mesmo negocia-las com a patronal.

Esse processo de plena organização combativa do operariado espanhol levou a crise política do reinado de Alfonso XIII que não conseguia, de um lado, aprovar as reformas solicitadas pelos trabalhadores, de outro lado, responder aos anseios da burguesia por uma industrialização que desenvolvesse o país aos moldes de potências europeias como França e Inglaterra, além de ter o clero que não aprovava nenhum dos projetos, uma vez que a mentalidade da Igreja era profundamente arcaica, condenando a acumulação capitalista atrelando-a a prática da usura e combatendo a revolução dos operários.

Durruti entre a Ditadura de Primo de Rivera e a instauração da II República

Apoiando-se no discurso de combate à violência dos trabalhadores Alfonso XIII buscou projetar uma nova forma de governo, pensava na ditadura de matriz mussoliniana que pudesse por fim a radicalidade dos operários e o responsável em implantar essa ditadura era o capitão-general Miguel Primo de Rivera em 13 de setembro de 1923. Apontamos para o fato de que o rei não se afastou do poder político durante o período ditatorial, ao contrário, estava ao lado de Rivera no governo.

De acordo com Antony Beevor, Rivera tomou posse como ditador tendo Alfonso como chefe de Estado e a tomada do poder fora bem recebida pelos industriais

catalães e pela classe média espanhola, além do fato de que o ditador contava com o respaldo do exército. E com o objetivo de por fim ao conflito na Catalunha, entre operários e burgueses, ele teria de envolver as organizações de trabalhadores nesse processo para restabelecimento da “ordem”,

Os socialistas centralistas foram a escolha óbvia e ele trouxe o secretário da UGT, Francisco Largo Caballero, para seu governo como conselheiro de Estado para criar órgãos de arbitramento industrial. A ideia de trabalhar com o governo de Primo sofreu forte oposição do outro principal líder socialista, Indalecio Prieto. Os anarquistas também acusaram Largo Caballero de oportunismo desavergonhado quando suas entidades e publicações foram proibidas. (BEEVOR, 2007, p. 57)

Essa postura do dirigente da UGT demonstra o comprometimento que o socialista teria com a governabilidade esquecendo-se muitas vezes do proletariado. Caballero ocupara um cargo dentro do ministério do Trabalho com o claro intuito de frear a atuação operária que naquele período havia se radicalizado de maneira que poderia por em colapso a hegemonia dos industriais da Catalunha, lembramos também que Largo Caballero era conhecido como o “Lenin espanhol”, dentro das fileiras do PSOE¹⁹.

O ingresso do “Lenin espanhol” na ditadura de Primo de Rivera repercutiu negativamente entre os trabalhadores tanto que para o período “entre 1920 e 1926, só passa de 211.000 para 219.000 membros” (MINTZ, 2016, p. 41), o autor em questão se refere a central sindical UGT.

Enquanto isso a CNT era a representante dos reais interesses da classe trabalhadora e nesse contexto Garcia Oliver, representante do grupo *Los Solidarios*, junto com o Comitê Nacional cenetista pensavam a possibilidade de estourar uma greve geral, entretanto, as perspectivas de saírem vitoriosos não eram garantidas por causa da própria desarticulação que a repressão tinha causada na mobilização operária.

Nas condições citadas acima a greve foi convocada pela CNT em 14 de setembro, em seu manifesto ela expressava-se da seguinte forma,

Nesta hora, hora em que está bem patente a covardia geral e em que o poder civil abandona sem luta o poder aos militares, é a classe operária que incumbe fazer sentir a sua presença e não se deixar espezinhar por homens que, transgredindo todas as formas do Direito, querem reduzir a zero todas as conquistas operárias, obtidas depois de longas e difíceis lutas. (*apud* PAZ, sd., p. 72)

¹⁹ Partido Socialista Operário Espanhol.

O temor da greve não ser bem sucedida foi concretizado, a CNT fora posta na clandestinidade com o aval de Caballero, enquanto que *Los Solidarios* procuravam por em segurança as armas compradas, já Durruti ficava responsável pela organização da militância anarquista em solo francês, ou seja, era o segundo exílio na vida do militante.

Segundo o historiador Abel Paz, o período na França foi importante para a formação libertária de Durruti, principalmente porque nesse tempo ele começa a refletir mais sobre a experiência revolucionária na Rússia, pensando como ela poderia auxiliá-los na construção da revolução social na Espanha. Durruti também segue desenvolvendo sua concepção de revolucionário, pois para ele,

[...] não consistia somente em lançar a revolta violenta, com as armas na mão, mas, sobretudo em semear a revolução a cada instante. Devido a este exercício de participação direta, a classe operária desenvolveria dentro de si própria, a sua própria teoria da revolução e, chegado o momento da ação coletiva, a dita consciência desenvolvida, rompendo com todos os freios, deveria começar a reconstruir a sociedade, fora de todos os esquemas pré-fabricados. (PAZ, sd., p. 78)

É interessante percebermos que a teoria da revolução de Durruti é completamente o contrário da concepção bolchevique visto que o próprio revolucionário não cumpre aqui a função de vanguarda revolucionária, pelo contrário, ele fomenta a participação direta do proletariado da revolução com o objetivo de que a classe trabalhadora construa sua própria teoria e que a partir dela começa-se a pensar o projeto de reconstrução da sociedade sobre bases libertárias, portanto, Buenaventura Durruti sempre acreditou na capacidade criadora das massas.

Em um contexto próximo ao de Durruti, a CNT discutia a possibilidade de adentrar a III Internacional, porém, essa organização não correspondia aos princípios da AIT que abarcava operários de ideologias diferentes e sim ao autoritarismo bolchevique que impunha um pensamento oficial, o comunismo soviético. E como a central espanhola defendia a construção do comunismo libertário por meio da insurreição armada, seus membros por meio de resolução congressual decidiram manterem-se fora da III Internacional.

Entre o pensamento da CNT e o do Partido Bolchevique há um enorme antagonismo no plano social, para compreendermos este processo tomemos ciência do projeto defendido por Lenin para a Rússia,

O que é o capitalismo de Estado sob o poder dos soviets? Estabelecer no presente momento o capitalismo de Estado é aplicar o recenseamento e o controle que aplicavam as classes capitalistas. [...] A Alemanha oferece-se nos um modelo de capitalismo de Estado. Nós sabemos que ela revelou-se superior a nós. Mas se refletirdes ao menos um pouco ao que significaria na Rússia, na Rússia dos soviets, a realização das bases desse capitalismo de Estado, alguém que tenha guardado seu bom senso e não tenha enchido o crânio de fragmentos de verdades livrescas, deverá dizer que o capitalismo de Estado seria para nós a salvação. (LENIN *apud* SKIRDA, 2017, p. 98)

Esse texto foi escrito em abril de 1918, ou seja, antes da Comuna de Berlim e da República dos Soviotes da Baviera que foram massacradas pelo capitalismo que Lenin tanto elogiou como o melhor caminho para a Rússia seguir.

A CNT e Durruti partiam do pensamento próximo ao dos anarquistas russos que preconizavam a reorganização social federalista com,

O objetivo do proletariado é criar um centro de coordenação, e não de subordinação. [...] Somente semelhante centro, protegendo os interesses locais, poderia regular a indústria russa em uma escala nacional. O objetivo do proletariado é coordenar toda a atividade, amplificar todo interesse local, criar um centro, não promulgar decretos e regulamentos, mas um centro de regulação, de coordenação – e através de tal centro, organizar a vida industrial do país. (SKIRDA, 2017, p. 100)

Realmente não seria possível o ingresso da central anarcossindicalista na III Internacional, dado que ambas as organizações teriam projetos completamente diferentes como demonstramos, a entrada da CNT só seria aceita caso a mesma renunciasse seu programa comunista libertário. Mantendo se fiel aos ideais libertários a CNT por meio do jornal *Solidaridad Obrera* esclarecia os trabalhadores sobre o que se passava na Rússia e como eram tratados os trabalhadores pela ditadura bolchevique, para essa conscientização reproduzira-se em suas páginas o texto da anarquista lituana Emma Goldman *Dos Años em Rusia*²⁰.

Completando a formação dos trabalhadores espanhóis para emancipação de todo tipo de tutela, principalmente a proferida pelo Partido-Estado, Durruti pronuncia discurso acerca do significado da revolução,

A revolução é uma atividade contínua, com altos e baixos. Comporta fatores imprevisíveis que decidem realmente da sua sorte. E estes imponderáveis devem entrar em linha de conta num plano estratégico. Logo que as condições requeridas para a revolução estão latentes, um ato de audácia basta para propagar e inflamar a ação coletiva. Como saber, antecipadamente, quando o homem chegou aos limites da paciência, que sábio é capaz de fixar a hora e o dia propício para a revolução? Não há método para isso, é preciso um estudo sério da situação e, em seguida, uma boa dose de subjetivismo

²⁰ O texto foi publicado na quarta página de *Solidaridad Obrera* do dia 3 de abril de 1924.

para interpretá-la. Na prática, o princípio insurrecional é quase sempre uma maneira aventureira e audaciosa de sondar as massas. É possível que nos enganemos; que sejamos batidos nesta batalha; esta derrota, porém, não será definitiva, será um capítulo a mais na história do proletariado. Como revolucionários conscientes, a nossa missão consiste em servir de detonadores, uma vez, duas vezes, vinte vezes se necessário, até a explosão coletiva, a única que pode fazer da revolução uma atividade contínua, prolongada até ao seu único fim verdadeiro: uma mudança total do modo de vida dos homens. (DURRUTI *apud* Paz, sd., p. 82)

O discurso de Durruti contribui para compreendermos as posições dos anarquistas em relação ao processo revolucionário. Quando ele comenta que a revolução é uma atividade ininterrupta, podemos perceber semelhança com a máxima kropotkiana de que “a revolução deve, primeiro, ocorrer nas mentes das pessoas” e é um posicionamento próximo a esse que Durruti prega para os revolucionários, por isso o trabalho contínuo. Aborda também a imprevisibilidade da revolução, porque mesmo com as condições objetivas para a realização desse processo os revolucionários não podem estipular uma “data” para que ela ocorra, isso porque muitas vezes ela parte da própria espontaneidade criativa das massas e para os anarquistas cabem um estudo sério da situação, pois, segundo Durruti, eles funcionam como detonadores, tornando assim, o processo de luta em uma experiência coletiva, em que os trabalhadores são os que colocarão em prática a construção da nova sociedade.

A militância de Buenaventura Durruti em solo francês o transforma em um indivíduo “perigoso” para as autoridades colocando assim a polícia em seu caminho e para evitar a prisão, ele e seus companheiros decidem sair da França em direção a América Latina²¹.

A passagem dele por esse continente foi importante para ambos, tanto para os trabalhadores latino-americanos que tomaram contato com o pensamento libertário espanhol quanto para Durruti que fora influenciado em alguns aspectos pelo anarquismo desenvolvido do outro lado do atlântico.

Abel Paz nos traz detalhes de sua chegada à América, segundo o autor, Durruti começa a trabalhar como estivador em um porto e lá inicia seu trabalho militante alertando os trabalhadores à organizarem-se, da necessidade da coesão e da solidariedade e principalmente, teorizaram de maneira clara o anarcossindicalismo mostrando como em alguns momentos o sindicalismo burocrático emperrava a luta,

²¹ Eles passam pelo México, Peru, Cuba, Chile, Argentina e Uruguai.

dado que muitos dirigentes usavam o sindicato para benefício próprio. A Contribuição de Durruti foi registrada da seguinte forma,

“Não confiem nunca os vossos destinos e a solução de vossos problemas aos profissionais da política e também não aceitem que surjam “leaders” entre vocês. Tanto uns como os outros hão-de vos enganar e não saireis da vossa situação de escravos. Vocês começarão a ser livres quando forem capazes de conduzir vocês mesmos a vossa luta”. Pouco tempo depois, os trabalhadores do porto auto-organizaram-se num poderoso sindicato que se federou com outros que já existiam em Havana: o da Gastronomia e o dos operários do Tabaco, marcados ambos pela influência anarquista. (PAZ, sd., p. 87)

Durante sua “peregrinação” pela América o Uruguai cumpria um papel importante em Durruti, o país já tinha forte tradição anarquista na época de sua chegada, tanto que nomes importantes como Malatesta já havia passado por lá, além do fato de encontrarmos registros de membros uruguaios nos congressos da AIT, ou seja, o pensamento libertário repercutia no Uruguai desde a década de 1860.

O militante espanhol quando adentra em solo urguiaio estabelecerá relações com o anarquismo expropriador²² que deitará bases para suas ações na Espanha na década de 1930, isto é, nos antecedentes e durante o processo revolucionário de 1936. A passagem de Buenaventura Durruti pelo continente americano fora breve²³ retornando a Paris em 1926, mas antes de abordarmos sua segunda estadia francesa, comentaremos brevemente a situação espanhola e o movimento dos trabalhadores.

Segundo Antony Beevor, a ditadura de Primo de Rivera desperdiçava o orçamento espanhol o que resultava no encarecimento dos produtos básicos e no agravamento da pobreza, para o historiador os gastos,

[...] incluíam projetos de engenharia, como autoestradas e barragens para hidrelétricas, demasiado ambiciosos e mal planejados e que resultaram num enorme desperdício. O déficit dobrou entre 1925 e 1929, e seu jovem ministro da Fazenda, José Calvo Sotelo, piorou muito mais as coisas ao ancorar a peseta ao padrão-ouro. Os especuladores monetários fizeram fortuna à custa do governo e as tentativas de aumentar o valor da moeda falharam fragorosamente. Houve fuga de capitais e, na época em que a Segunda República foi declarada em 1931, a peseta perdera 50% do seu valor. (BEEVOR, 2007, pp. 57-58)

Basta lembrar-nos que Alfonso XIII teria passado o poder político para Rivera justamente para que ele pudesse controlar a economia do país e que frenasse o

²² O anarquismo expropriador foi um movimento urguiaio no qual os militantes libertários expropriavam violentamente bancos e grandes propriedades e os colocavam a serviço das organizações dos trabalhadores ou da comunidade. Para maiores informações conferir Bayer (2008).

²³ Durruti permanece na América entre 1924 e 1926.

radicalizado movimento operário, entretanto o ditador não conseguiu nenhum desses objetivos. Em resposta as tentativas de controle pensadas por parte do Estado, os trabalhadores lançaram-se em greve reivindicando redução da jornada de trabalho em oito horas,

Greve em defesa da jornada de oito horas

Como se esperava, o Sindicato operário de Azpeitia declarou a greve aos cinco patrões que não queriam readmitir os operários despedidos por negar-se a trabalhar mais de oito horas.

Os grevistas mantêm uma atividade firme, enquanto, uma comissão de patrões marcha a Madri para que ali possam ganhar a greve.

A jornada de oito horas tem sido conquistada a força de sangue e sacrifícios diários. Tem-se padecido de fome, prisões, desterros. Em Chicago completa-se outro aniversário daqueles dias trágicos que se levantaram as forças para defender este princípio de justiça.

A digna decisão dos operários de Azpeitia é uma lição para os demais trabalhadores da Espanha que com diferentes pretextos, se tem deixado arrebatar esta melhora. Uma lição de energia e consciência.

Ao lado dos trabalhadores deve estar a adesão e a simpatia do proletariado espanhol. Quem quer que fazendo frente à burguesia e seus aliados comece a defender as melhoras conquistadas afirma os direitos da classe trabalhadora.

Adiante camaradas. Nós fazemos votos por vosso triunfo sobre a avareza desses patrões reacionários. (SOLIDARIDAD OBRERA. 25 de abril de 1925. p. 3. Tradução nossa.)

É possível constatar o forte clamor do jornal ao princípio da solidariedade e de que a luta desses trabalhadores é a luta de todo proletariado espanhol, a partir disso, compreendemos a prática militante da CNT, bem como, a função social do próprio jornal, ele pode ser nesses casos, o que Durruti designava para os revolucionários, poderiam ser detonadores de outras greves em outras localidades, levando a uma greve geral que colocaria o governo em mais uma crise, criando assim as condições objetivas para uma insurreição proletária. Outro ponto importante é atitude do jornal em trazer as experiências históricas das lutas da classe operária para a realidade espanhola, com isso estabelecia um princípio educativo ancorando-se na história do trabalho.

Enquanto isso, Durruti desembarcava novamente na França completando mais um capítulo em sua formação libertária, era o momento em que ele encontrava-se de frente com o revolucionário exilado ucraniano, Nestor Makhno, a partir desse contato e da troca de experiências, vai se formando em Durruti as bases de sua concepção de organização autogestionária do campo sob controle dos camponeses, formação que também serão encontradas nos III e IV Congressos da CNT em que ficará claro o

pensamento de autogestão que o revolucionário espanhol carregará como bandeira durante a revolução de 1936.

Durante o encontro dos revolucionários, Makhno compreende a situação espanhola com muita clareza, afirmando que as condições objetivas no país estão mais propensas à revolução do que estava em 1917 na Rússia. O militante ucraniano, diga-se de passagem, aborda a própria construção da experiência coletivista na Ucrânia. Segundo Nestor Makhno,

Na Espanha, as condições são melhores do que na Rússia para uma revolução com forte conteúdo anarquista; há um proletariado e um campesinato com tradição revolucionária e cuja maturidade política se revela em todas as suas reações. Possa a vossa revolução chegar a tempo para que leve comigo a sensação e satisfação de ver vivo o anarquismo, instruído pela experiência russa. Em Espanha, vocês tem um sentido da organização que assegura o triunfo em profundidade de toda a revolução. É por isso que, não somente admiro o movimento anarquista peninsular, mas penso que, de momento, é o único que possa levar a bom termo uma revolução mais profunda do que a dos bolchevistas e sem o perigo burocrático que ameaçou esta desde o princípio. Lutem para manter esse sentido da organização e não permitam que ele seja destruído por aqueles que pensam que o anarquismo é uma doutrina fechada à vida. O anarquismo é exatamente o contrário do sectarismo e do dogma. Aperfeiçoa-se, agindo. Não tem doutrina definida. É um facto natural que se manifesta historicamente em todas as atitudes coletivas humanas. É a trama propriamente dita da história e é a força que a empurra para frente. (MAKHNO *apud* PAZ, sd., p. 108)

Agora em relação à *Makhnovtchina*²⁴

A nossa comuna agrária era a célula viva, econômica e política, do nosso sistema social. Estas comunidades não estavam baseadas na mesquinhez particularista, antes repousavam sobre princípios de solidariedade comunitária, local e regional. Assim da mesma maneira que os indivíduos membros de uma comunidade se sentiam solidários entre si, as comunidades federavam-se entre elas. A nossa prática na Ucrânia demonstrou de maneira palpável que o problema camponês tinha soluções diferentes daquelas que o bolchevismo impunha. Se a nossa prática se tivesse estendido ao resto do país, não se teria assistido à criação da nefasta separação entre o campo e a cidade, ter-se-iam evitado os anos de fome e lutas inúteis entre camponeses e operários. E, o que é mais importante, a revolução teria crescido e ter-se-ia desenvolvido por vias muito diferentes. Disseram, contra o nosso sistema, que, se pôde aguentar-se, era porque se baseava em infraestruturas unicamente camponesas. Não é verdade. As nossas comunidades eram mistas, agrícolas-industriais. Éramos todos, ao mesmo tempo, combatentes e trabalhadores. A assembleia popular era o organismo determinante e, na vida militar, era o Comitê de guerra, composto por delegados de todos os destacamentos de guerrilheiros. Tratava-se, em resumo, de fazer participar toda a gente na obra coletiva, de impedir o nascimento de uma casta dirigente que monopolizasse o poder. E obtivemo-lo, justamente porque triunfámos e éramos um desmentido às práticas burocráticas bolchevistas, Trotsky, traíndo o pacto estabelecido entre a Ucrânia e o poder bolchevista, mandou o

²⁴ Movimento revolucionário ocorrido na Ucrânia (1917-1921) de clara matriz libertária que colocou em prática a autogestão agrícola e industrial, sendo destruída em 1921 pelo Exército Vermelho.

exército vermelho para nos combater. O bolchevismo triunfou militarmente sobre a Ucrânia e Kronstadt, mas a história revolucionária reivindicar-nos-á um dia e condenará como contrarrevolucionários os vencedores, coveiros da revolução russa. (MAKHNO *apud* PAZ, sd., p. 109)

A Espanha para Makhno era um ponto central para se por em prática a revolução anarquista, visto que para ele, tanto o proletariado quanto o campesinato eram claramente revolucionários, ou seja, compreendiam que a libertação não poderia ser adquirida através do Estado, mas sim construída por eles mesmos. O ucraniano alega a importância que a organização tem para a realização da revolução e segundo ele, a Espanha tem esse instrumento revolucionário, no caso, a CNT, que cria raízes profundas nas bases operárias e camponesas, disseminando as concepções libertárias de emancipação dos povos, além de combater a burocratização que outrora corrompeu a revolução russa e ucraniana.

Em sua análise há um dado importante que retrata muito bem o anarquismo de Durruti, pois para Makhno o anarquismo não é um dogma, mas sim uma teoria construída na prática revolucionária e Emma Goldman alegará em 1936²⁵ que o pensamento libertário de Buenaventura tem como premissa fazer “da teoria e da prática uma só e uma única coisa” (GOLDMAN *apud* PAZ, sd., p. 51).

No momento em que Makhno começa a contar para Durruti a epopeia da *Makhnovtchina* esboçamos paralelos entre as realidades ucraniana e espanhola, diante disso, entendemos que antes da experiência revolucionária da autogestão de 1936 o reflexo da revolução na Ucrânia pode ser captado nas práticas libertárias em período anterior. O princípio da solidariedade local e regional já marcava presença nas páginas do *Solidaridad Obrera* no que tangia as insurreições e greves, repousando no princípio federativo que os *makhnovistas* colocaram em funcionamento; a relação cidade-campo tratada muitas vezes como antagônica pelos bolcheviques, para a CNT era exatamente o oposto, essa relação era complementar, portanto, não poderia haver separação, muito menos sobreposição entre elas, mas sim união federalista que culminaria na reorganização de uma nova forma de se produzir e viver, no caso da CNT, essa forma era o comunismo libertário; os anarquistas ucranianos procuravam a todo o momento organizar-se de modo que rejeitasse a figura do dirigente e da burocratização, posicionamento presente ao longo da vida de Durruti; por fim, o caráter de o

²⁵ É preciso ter ciência de que o encontro entre Emma Goldman e Buenaventura Durruti acontece no calor da revolução espanhola de 1936.

revolucionário ser ao mesmo tempo um trabalhador foi importante para combater a burocracia dentro da revolução ucraniana e esse princípio também pode ser constatado na Revolução Espanhola no que concerne a formação das colunas anarquistas, mas isso será abordado com mais detalhes posteriormente.

Após o contato com o militante ucraniano, Durruti e Ascaso tomam ciência da situação na Espanha. A ditadura deteriora-se cada vez mais, enquanto que, em contrapartida o movimento revolucionário entra em atividade fecunda, para Abel Paz, os quadros sindicalistas renovam-se, o Comitê Nacional da CNT sai da clandestinidade e antes mesmo do pedido formal da legalização dos sindicatos os trabalhadores começam a reabrir suas sedes. O ano era 1930 e os exilados iniciavam sua volta ao país.

Os antecedentes da revolução de 1936: a militância durrutiana durante a II República

Com aumento da crise política e da radicalização das classes populares o governo não conseguiria sustentar-se por muito tempo, nesse sentido, Primo de Rivera, voluntariamente se demite, porém, pensando ainda em se manter no poder, Alfonso XIII tenta reorganizar o governo monárquico em via parlamentar. Visando a realização desse projeto a Coroa convoca eleições municipais que dariam legitimidade democrática às instituições monárquicas, entretanto, os socialistas e republicanos liberais ganharam em praticamente todas as capitais das províncias espanholas e com resultado do pleito as “multidões exaltadas reunidas no centro de Madri aclamaram instantaneamente o governo paralelo de Alcalá Zamora como novo governo, ainda que essas eleições não tivessem nada a ver com cortes.” (BEEVOR, 2007, p. 60). Esse era o fim do reinado de Alfonso XIII e início da II República espanhola proclamada em 14 de abril de 1931.

A República inicia-se, como aponta Beevor, tendo que enfrentar os problemas estruturais da sociedade espanhola que percorreram todos os governos do país, são eles: a reforma agrária, a reforma das forças armadas, as questões regionais (Catalunha e País Basco) e a relação da Igreja com o Estado. Os problemas específicos da realidade hispânica representavam uma das grandes questões que o governo republicano precisaria resolver, mas necessitava também regular os preços das exportações de produtos tradicionais que haviam caído para mais da metade, resultado da crise econômica mundial de 1929.

Na tentativa de amenizar a tensão no tecido social espanhol, o governo promulgou decretos no tocante a questão agrária que proibia expulsão dos rendeiros e contratação de trabalhadores diaristas de fora do município, concedendo também a jornada de oito horas. Entretanto, os problemas não tardam a aparecer, segundo Beevor, a cúpula da Igreja católica envia um comunicado que condena a separação dela da esfera política, portanto do Estado, bem como repudiando a exclusão do ensino religioso na escola.

A república em relação aos conflitos sociais será muito próxima aos governos anteriores, principalmente no uso da repressão,

Em 6 de julho, a CNT anarcossindicalista declarou uma greve de trabalhadores do sistema telefônico em toda a Espanha. Isso paralisou as linhas de Barcelona e Sevilha, mas os integrantes da CNT também realizaram atos de sabotagem contra a rede Telefónica, de propriedade norte-americana, que a ditadura de Primo de Rivera vendera à ITT. O embaixador dos Estados Unidos exigiu a mobilização de tropas de segurança e o governo de Madri também levou fura-greves da UGT. (BEEVOR, 2007, pp. 64-65)

No intuito de preservar a lei e a ordem a Guarda Civil e o Exército agiram com a tradicional violência na repressão à greve convocada pela CNT, com isso os trabalhadores perceberam que a truculência era igual ao do período monárquico, a central anarcossindicalista dali por diante declararia guerra à República, prometendo derrubá-la por meio da revolução social.

Georges Host defende que tanto “a esquerda no poder, depois a direita, só trarão aos operários a metralhadora e a repressão: o custo de vida e o desemprego aumentam, milhares de greves eclodem.” (HOST, 2015, pp. 96-97)

De acordo com Abel Paz, esse momento será importante para Durruti, pois marca a passagem de sua militância subversiva para um trabalho de massas, isso era possível pelo próprio impasse do governo que não conseguia resolver os problemas espanhóis, dado que esses não eram questões resolvidas no parlamento, mas exigiam soluções radicais, visto que os problemas eram de cunho social e não meramente políticos.

Paz nos traz um quadro interessante da morfologia social espanhola, segundo o autor, o campesinato espanhol era constituído por milhões de agricultores e operários agrícolas submetidos à servidão política e econômica e formavam a base econômica da Espanha no início da década de 1930, mas embora tendo esse pioneirismo, as estruturas

feudais²⁶ da sociedade não permitiam maior desenvolvimento econômico, colocando o país no padrão de subdesenvolvido se o compararmos com as demais nações europeias. Apontamos também a qualidade de vida dos camponeses, os que não possuíam terra morriam de fome mesmo trabalhando um terço do ano e obtendo soldos de, no máximo, três pesetas.

A situação do operariado era melhor, mas a própria estrutura no qual se desenvolve, tardiamente, o capitalismo espanhol o ancora nos estratos mais conservadores do pensamento feudal, referimo-nos ao clero, exército e latifundiários. Esses fatores contribuíram de sobremaneira para o desenvolvimento desigual industrial, restringindo-se majoritariamente na região norte – Biscaia, Astúrias e Catalunha – contando com aproximadamente 2 milhões de operários na década de 1930. Os trabalhadores industriais encontravam assim distribuídos,

| Metalurgia | Têxtil | Vestuário | Metais | Construção | Diversos |
|------------|---------|-----------|---------|------------|----------|
| 35.000 | 222.000 | 119.000 | 243.000 | 373.351 | 878.000 |

Fonte: Abel Paz

É interessante pensarmos que enquanto as estruturas socioeconômicas da Espanha eram de desenvolvimento tardio, os trabalhadores encontravam-se em plena consciência classista organizando-se em sindicatos tornando-se sempre mais combativos, nesse sentido, os operários espanhóis chegavam a superar em questão organizacional muitos países europeus.

Como comprovação dessa organização temos a crítica do *Solidaridad Obrera* em relação ao regime republicano,

A revolução de 14 foi uma liquidação absoluta do saldo monárquico e reacionário da tirania despótica dos Búrbons, de todas as leis e direitos promulgados pela sucessão de todos os governos e da Constituição de 76. Parece-nos que estais a demorar o prazo definitivo dessa liquidação. (SOLIDARIDAD OBRERA. 21 de abril de 1931. p. 1. Tradução nossa)

O trecho inicia-se abordando como a república fora apresentada aos trabalhadores, alegando ser a liquidação de toda tirania da monarquia, entretanto, o jornal questiona se essa liquidação não está demorando demais para se concretizar, dado que o movimento operário seguia sendo reprimido com a mesma intensidade que outrora tinha sido pelo governo de Alfonso XIII. A própria CNT nesse período estava

²⁶ A nobreza espanhola detinha na época 53% das terras cultiváveis da Espanha.

lutando pela libertação de seus militantes que estavam encarcerados pela “segurança” da República.

O governo republicano era abordado por Durruti com as seguintes palavras,

Se fossemos republicanos, afirmaríamos que o Governo provisório é incapaz de assegurar o triunfo daquilo que o povo lhe confiou. Mas somos autênticos trabalhadores e, em nome deles, dizemos que, seguindo este caminho, não é de espantar se o país se encontrar amanhã à beira da guerra civil. A República não nos interessa, mas aceitamo-la como ponto de partida de um processo de democratização social. Com a condição, claro está, que a dita República garanta os princípios, segundo os quais liberdade e justiça não são palavras vazias. Se a República omitir a tomada em consideração das aspirações da classe operária, então o pouco interesse que os trabalhadores têm por ela ficará reduzido a nada, porque esta instituição não terá correspondido às esperanças que a nossa classe nela depositou, no dia 14 de abril. (DURRUTI *apud* PAZ, sd., p. 128)

Com isso podemos compreender que para anarquistas como Durruti, a República teria o dever para com os trabalhadores de garantir a liberdade e a justiça, principalmente no que toca as formas organizativas da classe operária, como esses princípios tornavam-se letra morta os trabalhadores se organizaram pela ação direta com o intuito de organizarem eles próprios as bases do comunismo libertário, como poderemos ver no caso da Comuna das Astúrias de 1934.

Esse trabalho militante de Durruti, com as massas, explicitando os limites da república burguesa foi acompanhado pela organização do dia do trabalhador, o primeiro de maio. Ao lado de *Los Solidarios* ele ficou encarregado da reorganização do sindicato de Barcelona, além de ter de receber a delegação dos anarquistas internacionais²⁷ para as festividades.

Neste Primeiro de Maio os trabalhadores da Espanha, que acabaram com o jugo vil dos Búrbons, saúdam os perseguidos de todo o mundo

Nós, expressamente, não queremos limitarmo-nos a recordar os mártires de Chicago. Para os mártires do proletariado há uma data a cada dia. Todos os dias da história têm seu recorde de dor para os trabalhadores. Os que sucumbem nas minas, nas obras, nas oficinas. Os que deixam farrapos de sua vida na fosca penumbra da fábrica. Os que a deixam nos presídios e nas ruas, lutando pela emancipação da humanidade.

Milhares de proletários vão passando fome pelo mundo, desterrados pelo fascismo governamental. Assim como os camaradas de Portugal, Itália, da Romênia e da Bulgária. Os da Argentina e de outras repúblicas americanas, onde está entronado o despotismo.

²⁷ Alemanha: Augustin Souchy, Rússia: Volin e Ida Mett, Itália: Camilo Berneri, Suécia: Rüdiger, França: Louis Lecoin e Odéon.

Para uns e outros o primeiro de maio é eterno. A tragédia ronda e perene. Para eles e para as falanges de operários sem trabalho. Para as multidões de famílias sem trabalho e sem pão, que remonta o regime como um troféu de injustiça. (SOLIDARIDAD OBRERA. 1 de maio de 1931. p. 1. Tradução nossa)

A partir do periódico podemos perceber que as datas comemorativas para CNT não representava somente festividades, mas teria seu significado mais profundo, era o lembrete de que as lutas dos trabalhadores são contínuas e que o militante deveria ter isso em mente. Chamava nossa a atenção para o fato da luta internacionalista da classe operária, lembrando os países que se encontravam sob o jugo do fascismo.

Segundo o historiador Wolfgang Abendroth, o período da construção do fascismo na Europa marca a virada reformista da militância operária, uma vez que a revolução havia fracassado em inúmeros países europeus a classe trabalhadora optara pela via institucional. Na França, por exemplo, os operários não conseguiram contestar o poder político, mas obtiveram a jornada de oito horas.

Em um panorama geral, Abendroth alega que,

A jornada de oito horas de trabalho já vigorava na maioria dos países, os sindicatos eram reconhecidos como parceiros nas negociações salariais coletivas, os primórdios dos direitos sociais de co-gestão chegaram a ser conquistados. O poder político, contudo, nos grandes países industrializados estava ainda em mãos de partidos que representavam e defendiam, interna e externamente, os interesses da burguesia-mor. (ABENDROTH, 1977, p. 79)

A própria concepção da atuação sindical era diferente em relação a CNT, enquanto os sindicatos europeus eram instrumentalizados como negociadores, ela preconizava a revolução social e a construção do comunismo libertário. Em 1931 o posicionamento da central espanhola explicitado em seu III Congresso²⁸ era de que,

A C.N.T. deve sempre seguir suas regras de ação direta, empurrando as pessoas em um sentido absolutamente revolucionário para o comunismo libertário, para transformar o fato político produzido na Espanha em uma revolução essencialmente transformadora de todos os valores políticos e econômicos, pelo menos para garantir que o momento histórico adquira seu máximo desenvolvimento. (III CONGRESSO DA CNT. 11 a 16 de junho de 1931. p. 34. Tradução nossa)

O que foi exposto no Congresso de Madri em 1931 nos mostra como a CNT estava à margem da perspectiva global mostrada por Abendroth, ou seja, ela estava longe de ser um agente de negociação, era um instrumento construtivo da revolução

²⁸ A ata do congresso pode ser consultada em: <https://www.cntvalladolid.es/IMG/pdf/congresosCNT/IIIcongreso.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

pela via da ação direta. O agente negociador no caso espanhol poderia ser designado ao PSOE e sua central, a UGT, pois eram as organizações que mais se enquadravam no cenário europeu da via institucional, dado que elas garantiam “[...] às classes dominantes a possibilidade de, sob a proteção da mesma, voltar a ocupar suas antigas posições de mando no seio da administração pública e das forças armadas e a manter o seu poderio econômico.” (ABENDROTH, 1977, p. 76) E os socialistas pertencentes ao governo republicano realizavam exatamente essa fórmula, combatendo a central anarcossindicalista e reprimindo greves dos trabalhadores, beneficiando dessa forma a burguesia espanhola.

Enquanto isso a CNT discutia questões referentes à sua estratégia de luta, Beevor mostra que durante esse debate,

Os anarquistas tinham se dividido entre os que seguiam o caminho sindicalista, como os “treintistas” de Ángel Pestaña e Joan Peiró, e os que pertenciam à FAI (Federación Anarquista Ibérica). Os faístas, como Juan García Oliver e Buenaventura Durruti, acreditavam com paixão na luta contra o Estado com greves e levantes, apelidada de “la gimnasia revolucionaria”, que supostamente provocaria a revolução social. (BEEVOR, 2007, p. 67)

O grupo moderado da CNT (Treintista) defendia a tese de que a central deveria se adequar a situação atual inaugurada com a república, reestruturando os sindicatos sem a necessidade de recorrer a atos violentos. Já a ala mais radical, representada pela FAI e por anarquistas como o próprio Durruti, pregava a ação direta e a luta através de greves e insurreições com o intuito de explodirem a revolução social.

Abel Paz mostra a clareza dos faístas em relação a uma atitude colaboracionista que,

[...] significava uma renúncia à luta, a própria concepção do anarcossindicalismo: com efeito, para se submeterem à legalidade republicana, era preciso que aceitassem a lei do 8 de abril, promulgada pelo Ministério do Trabalho, em virtude da qual toda a prática da CNT, se afundava: a lei previa a criação de júris mistos, arbitrados pelo Ministério do Trabalho (conciliação entre patrões e operários), de pré-avisos de greve (regulamentação jurídica da greve), e de convenções coletivas (regularização dos conflitos entre patrões e operários); numa palavra, a lei visava a integração do sindicalismo no Estado, coisa que a Social-Democracia já tinha instaurado na Alemanha e na França. (PAZ, sd., p. 134)

A crítica da FAI, em especial a de Durruti, era de que a colaboração limitava a autonomia dos trabalhadores, tendo, por exemplo, que sinalizar qualquer tipo de paralização, ou seja, o Ministério do Trabalho queria ter controle completo sobre o movimento operário, favorecendo dessa forma a burguesia espanhola, dado que a

conciliação entre patrões e operários poderia partir de concepções impostas de cima, portanto, da classe dominante.

Rudolf Rocker²⁹, presente na Espanha nesse período para participar do Congresso da CNT, estabelece contato com Durruti para discutir questões pertinentes ao anarcossindicalismo, que para o anarquista espanhol deveria partir “de um trabalho construtivo tenaz, e que se podiam cimentar novas bases para o edifício social” mostrando o caminho para as mudanças estruturais do aspecto social e econômico do país e tais transformações “não podiam produzir-se senão depois de um longo período de gestação revolucionária; não se podia confiar tal tarefa a nenhum governo.” (ROCKER *apud* PAZ, sd., p. 135)

O III Congresso da CNT realiza-se em Madri contando com 700 delegados que representava por volta de 800.000 trabalhadores. A questão da estratégia foi o ponto central do debate, enquanto que a tendência reformista de Pestaña-Peiró além de pregar a adaptação ao período republicano, também defendia a Federação de Indústria, a tendência radical de Durruti³⁰ criticava esse posicionamento declarando que poderia levar a um processo de burocratização sindical e rompimento da solidariedade operária, apresentavam a tese de que os sindicatos “deviam ultrapassar a noção de corporação e ser solidários no combate contra o capitalismo, fosse qual fosse o setor de atividade dos operários.” (PAZ, sd., p. 136) Durante o congresso podemos notar como a tendência reformista fora rechaçada pelos congressistas, pois para esses o anarcossindicalismo não ajudaria o sindicalismo reformista que, segundo eles, enganavam os trabalhadores. E como citamos anteriormente, o Congresso decretou que o objetivo da CNT era a revolução e somente ela teria capacidade de destruir o capitalismo, edificando posteriormente o comunismo libertário.

Com o final do Congresso, os trabalhadores da telefonia decretam greve. O Sindicato do Telefone e das Comunicações reivindicam proposições acerca da condição de trabalho, versando principalmente na reintegração dos demitidos durante a ditadura de Rivera, revisão dos salários e reconhecimento da organização sindical da CNT. A República responde aos trabalhadores declarando,

²⁹ Anarquista alemão e teórico do sindicalismo revolucionário que participou do III Congresso da CNT em 1931 representando a Associação Internacional dos Trabalhadores.

³⁰ Durruti representava ao lado de Garcia Oliver o Sindicato da Manufatura e Têxtil de Barcelona.

[...] a greve ilegal e mandou a Guardia Civil contra os trabalhadores. A repressão foi especialmente severa: mais de 2.000 grevistas foram presos. Por solidariedade com os telefonistas, rebentaram imediatamente outras greves, acompanhadas com atos de sabotagem. Havia vários focos de agitação: na Andaluzia, nos pescadores de Pasages (San Sebastian), nos metalúrgicos de Mieres (Astúrias), etc. A greve geral, desencadeada em Sevilha, em julho, foi o ponto culminante de todo o movimento. Miguel Maura, que não estava disposto a ceder, ordenou que se pusesse cobro, de qualquer maneira, a essas desordens. A Guardia Civil tomou de assalto a Federação local da CNT de Sevilha, mais conhecida pelo nome de “Casa de Cornélio”. Ao longo do afrontamento, vinte operários foram mortos. As “Cortes Constituyentes” reuniram-se. Com 116 deputados, os socialistas eram majoritários. E foi com a aprovação dos ministros do PSOE que Miguel Maura fez a seguinte declaração: “O meu dever é dizer à CNT e à FAI que, já que elas não aceitam as leis que regem o trabalho, que elas ignoram as comissões paritárias, os júris mistos e, sobretudo, a autoridade governamental, não haverá para elas nem lei de associação ou de reunião, nem garantia alguma que as proteja. Que elas se submetam à legislação social, que respeitem as leis que regulamentam as relações entre operários, patrões e governo, e terão de viverem normalmente, em relação ao governo.” (PAZ, sd., pp. 137-138)

Esse caso demonstra de um lado a insustentabilidade da tese reformista de Pestaña-Peiró porque a própria República combate a CNT com a mesma ferocidade que os governos anteriores, por outro, comprova o posicionamento dos faístas principalmente no laço de solidariedade dos sindicatos independentemente do setor de atividade, uma vez que, metalúrgicos, pescadores se solidarizaram com os trabalhadores da telefonia. Os trabalhadores seguiam uma tradição antiga defendida desde Bakunin no seio da AIT do qual as lutas são “[...] desenvolvimentos naturais, necessários, dessa solidariedade econômica.” (BRUPBACHER, 2015, p. 130). Portanto o laço que os unem nas lutas contra a sociedade capitalista é exploração econômica à qual estão submetidos.

A reação republicana à greve mostra a densidade da repressão que caiu sobre os trabalhadores, fora as 2.000 prisões, a guarda governamental invade a federação da CNT em Sevilha resultando na morte de 20 trabalhadores. Enquanto que na esfera pública o governo com o apoio dos socialistas continua reprimindo os trabalhadores amparando-se justamente nas “leis que regem o trabalho” que beneficiam muito mais a burguesia do que os próprios operários. E era a esse governo que os reformistas queriam adaptar a estratégia da CNT.

Essa forma violenta do Estado com os trabalhadores foi denunciada pelo *Solidaridad Obrera*,

Em plena República, o Poder policial é superior ao Poder judicial. Um Juiz decreta a liberdade provisória de um processado e este mandamento não serve mais do que para entregá-lo ao departamento de Ordem Pública da

Chefatura Superior de Polícia. O chefe superior de Polícia é que com sua firma ordena a liberdade. (SOLIDARIDAD OBRERA. 26 de setembro de 1931. p. 1. Tradução nossa)

A denúncia de que o Estado ao invés de ser republicano tornara-se policialesco estava estampada no editorial do jornal. Clamava ainda que o “dever de todos os trabalhadores é defender e não se esquecer dos presos políticos” (SOLIDARIDAD OBRERA. 26 de setembro de 1931. p. 1. Tradução nossa). Clamor atendido pelos operários.

A tentativa de coibir as ações dos trabalhadores procedeu na greve geral em Zaragoza, Granada e Santander. Em Barcelona o espírito de solidariedade paralisou 20.000 trabalhadores que clamavam pela liberdade dos presos políticos que enchiam as penitenciárias espanholas.

A situação no campo, também, tornava-se intolerável, segundo Abel Paz, Miguel Maura garantia o aval do qual os proprietários se beneficiava para deixar as terras incultas e em resposta camponeses, entre agosto e setembro, deram início a ações de expropriação coletiva das terras. As ações foram registradas na Andaluzia, principalmente em Córdoba e Toledo. Era a ação espontânea das massas que Bakunin tanto prezava.

Nesse contexto, a militância de Durruti fora muito agitada, participava de reuniões, assembleias e comícios, também detalhava as posições da CNT e do anarquismo contribuindo assim para a formação teórica dos trabalhadores e denunciava a repressão de Maura.

Para Durruti,

Os políticos no poder demonstraram uma vez mais a sua impotência. Tinham prometido ao povo realizar profundas reformas sociais e para esse efeito o povo elegeu-os em junho. Ao não cumprirem a palavra dada, traíram o mandato. Vivemos como na época da monarquia! Nada mudou. Os elementos reacionários continuam a ocupar os postos burocráticos e a conspirar abertamente contra o povo. À cabeça do exército e da polícia encontram-se os mesmos generais que antes, e com os outros resultados: tiroteio da Guardia Civil e dos Guardia de Asalto contra os camponeses esfomeados e os operários em greve... Face a esta situação, é preciso reagir. O povo deve buscar a sua salvação fora dos partidos políticos, fora do Parlamento burguês, desenvolvendo a própria ação na rua: para a classe operária, não há outra política que não seja a luta revolucionária. (DURRUTI *apud* PAZ, sd., pp. 141-142)

O anarquista espanhol defende uma ideia próxima a de Proudhon de que se “[...] a monarquia é o martelo que esmaga o Povo, a democracia é o machado que o divide: uma e outra concluem igualmente pela morte da liberdade.” (PROUDHON, 2015, p. 99), dado que para ele a situação da classe trabalhadora não mudara em relação aos governos, igualando o estágio atual semelhante à época monárquica. Durruti aponta que o aparelho repressivo do Estado configura-se pelas Guardas ao lado do Exército. Defende que a transformação da condição de exploração da qual os operários são vítimas só poderá ser construída através da ação direta, organizando em todos os espaços de sua sociabilidade, promovendo uma política que resulte na revolução social.

Com o acirramento das relações de classe, Durruti percebe a proximidade do período revolucionário, começando a problematizar o papel que desempenhará os trabalhadores, do campo e da cidade, segundo ele,

[...] vivemos um período pré-revolucionário, que a revolução está em gestação nas entranhas do mundo do trabalho e que o dia em que ela rebentar não será nem uma querela de pouca dura, nem um comício político, mas uma autêntica revolução social que enterrará o mundo burguês debaixo dos seus escombros, e fará nascer outro mundo em que os operários prestarão provas das suas capacidades, pondo em realce a indústria e a agricultura, para que haja pão para todos, liberdade para todos, sem privilégios, sem parasitas, mas, para que esta revolução se torne uma realidade, é necessário que todos, absolutamente todos os trabalhadores conscientes, trabalhem na unidade e orientem todas as suas atividades para um fim único, o único permitido ao trabalhador: romper as grilhetas e reencontrar a dignidade. Portanto, para frente, para a revolução social. (DURRUTI *apud* PAZ, sd., p. 144)

Na práxis revolucionária durrutiana não há a separação entre operários e camponeses, ao contrário, pela efetivação construtiva da revolução, a ação das massas deve ser obra conjunta, colocando a indústria e a agricultura sob o controle autônomo das massas. Isso difere da própria concepção bolchevique de revolução, que segundo ela, é o operário fabril quem deve tomar a frente do processo.

Os discursos de Durruti inflamavam as massas para insurgirem contra o universo burguês. Em janeiro de 1932 Durruti fora convidado para discursar para os mineiros de Cardona, durante sua fala ele deixa claro a necessidade da revolução, pois os trabalhadores espanhóis não poderiam esperar nada da República burguesa e da social democracia, elas já teriam dado as massas o que estava ao seu alcance, ou seja, reformas que em momento algum alterou as estruturas da sociedade espanhola.

Pouco tempo depois desse encontro, segundo Abel Paz, um levantamento armado proclama o comunismo libertário na região, abolindo a propriedade privada e o

dinheiro. Entretanto a reação governamental não tardou a acontecer, o presidente do Conselho de Ministros, Manuel Azaña, convocou as forças da ordem para reprimirem a revolta, os conflitos duraram cinco dias e foram acompanhados de centenas de prisões. Em uma tentativa de intimidar os trabalhadores, a repressão não se restringiu apenas a zona rebelde, espalhou-se pela península, principalmente em Barcelona, Valência e a Andaluzia, regiões mais revolucionárias e predominantemente anarquistas.

Os trabalhadores presos durante a insurreição foram levados para o navio-prisão “Buenos Aires” e de lá poderiam ser deportados para as Ilhas Canárias. Como resposta ao processo, os anarquistas de Tarrasa declaram greve geral revolucionária pela libertação dos presos. O governo dirige à região grevista 160 guardas para por fim a paralização dos trabalhadores que lutaram até o esgotamento. Dentre os deportados encontrava-se Durruti.

Por meio de uma carta Durruti relata as condições às quais foram submetidos os prisioneiros, a carta foi redigida em 18 de abril de 1932, reproduziremos na íntegra,

Pela imprensa, vocês foram informados de uma parte da nossa odisseia. Ser-me-iam necessários muitos papéis e muita calma para poder escrever a tragédia da nossa deportação. Sofremos muito, passando momentos trágicos em que estávamos prestes a ser fuzilados por oficiais bêbados da marinha republicana. Os soldados, inconscientes, estavam prontos a disparar sobre nós mediante as ordens e as ameaças dos oficiais.

Tive a ocasião de falar a um pobre marinheiro: estava envergonhado pela sua conduta a bordo do “Buenos Aires”: “Se apontávamos as nossas espingardas na vossa direção, é porque os oficiais nos tinham garantido que vocês queriam matar-nos. Estava no barco de guerra e disseram-me que os deportados queriam matar os meus irmãos, os marinheiros, e que era preciso que não fossemos uma cambada de covardes. Para vencerem a nossa resistência deram-nos álcool a rodos. Foi nesse estado que os meus companheiros mais eu agarrámos nas espingardas, prontos a disparar.”

A ilha é miserável e está completamente ao abandono. Vivemos na caserna e dão-nos 1 peseta e 75 cêntimos, por dia, para nos alimentarmos. Esses senhores devem pensar que dispomos de uma certa fortuna pessoal, como Unamuno, Soriano e outros deportados. Mas nós não temos outra fortuna para além das nossas mãos de trabalhadores. Apresentámos uma lista de reclamações e aguardamos uma resposta de Madri.

O pessoal da vizinhança andava assustado porque lhe tinham dito, antes da nossa chegada, que “comíamos as criancinhas cruas”. Felizmente, puderam aperceber-se da mentira, a partir do momento em que puderam entrar em contato conosco. Agora, existe entre eles e nós um verdadeiro elo de simpatia, e as criancinhas vêm brincar conosco. Até à data, ainda não comemos nenhuma.

Não sei por quanto tempo me vão ainda guardar assim, posto que nada me disseram nem sobre os motivos, nem sobre a duração desse afastamento. Pretenderam, ao prenderem-me em Barcelona, que era pelas palavras que

tinha pronunciado aquando de um comício internacional, no qual tinha participado alguns dias antes... e para aqui estou, sem sequer poder explicar-me a mim próprio o que quer que seja, nem pedir explicações.

Quando voltarmos para a Península, esses senhores, os socialistas – que esqueceram o que é o socialismo, se acaso alguma vez o souberam –, deverão responder diante da classe operária sobre a votação da nossa deportação, e diante da minha própria pessoa, acerca da minha pretensa colaboração com os monárquicos e da história dos milhões que, segundo eles, eu teria recebido.

Se for dessa maneira que pensam salvar esta república sem republicanos, enganam-se redondamente, porque, um dia, nós, os perturbadores que nos levantamos todas as madrugadas para irmos trabalhar, e entramos na fábrica como escravos, aí entraremos como senhores, porque o único possuidor de toda a riqueza social é a classe operária. (DURRUTI *apud* PAZ, sd., pp. 152-153)

Durruti aborda as condições precárias que fora submetido junto a outros companheiros, recebiam soldos que mal lhes garantiam o direito a uma alimentação digna. Sua carta também é uma denúncia, dado que a deportação fora assegurada graças aos socialistas, pois, disseminaram uma história completamente falsa, na qual, Durruti recebia dinheiro dos setores monárquicos para desestabilizar a República.

A situação na Península era de agitação operária, a deportação não repercutiu do modo que o governo queria, ou seja, não espalhou pânico entre os trabalhadores que poderia resultar em uma diminuição das ações operárias, pelo contrário, de acordo com Paz, tanto nas zonas agrícolas quanto industriais não se registrava um dia que não houvesse greve, demandando a libertação dos deportados, implementação de reformas sociais que diminuíssem as desigualdades, entretanto, os republicanos ignoravam as reivindicações e com isso intensificava a tensão política. A crise da República abriu caminho para uma tentativa de golpe de Estado por parte do General Sanjurjo que estava entrando,

[...] em contato com outros oficiais graduados na intenção de dar um golpe de Estado. O governo sabia muito bem o que estava acontecendo, e o golpe de Sanjurjo, quando aconteceu em agosto foi um fracasso humilhante. Teve sucesso momentâneo em Sevilha, mas a inatividade de Sanjurjo e a declaração de greve da CNT deram-lhe fim. Sanjurjo tentou fugir para Portugal, mas foi preso em Huelva. (BEEVOR, 2007, p. 67)

O golpe inicia-se em agosto de 1932 e só fora evitado pela ação dos trabalhadores, Abel Paz mostra a mobilização operária,

Diante da situação, os grupos anarquistas de Sevilha conseguiram mobilizar a classe operária, formando um Comitê Revolucionário ad hoc. Incitaram o povo à luta, pondo os insurretos rapidamente em debandada. Deste modo, a CNT salvou a República, a mesma República que, poucos dias antes, tinha esmagado os trabalhadores no Parque Maria-Luisa, em Arnedo, em

Castiblanco, e em muitos outros sítios ainda. Não obstante, em Barcelona, a CNT estava reduzida à clandestinidade; as suas publicações eram proibidas, os seus centros culturais fechados, os seus militantes atirados para as prisões às centenas. (PAZ, sd., p. 153)

A luta dos anarquistas para combater o fascismo demonstra claramente a incapacidade da República burguesa de combatê-lo, Sanjurjo só fora impedido pela ação direta dos trabalhadores. Enquanto os libertários lutavam, a República mantinha a CNT de Barcelona na clandestinidade com o aval dos socialistas do PSOE, as publicações eram proibidas, seus centros eram fechados e os militantes eram encarcerados, como os que haviam sido deportados para as Ilhas Canárias.

No início do mês de setembro os deportados começaram a regressar para a Península, Durruti e Ascaso foram os últimos a serem libertados. Após esse processo a CNT em um ano passara dos 800.000 militantes para 1.200.000, portanto, mesmo com toda repressão a central anarcossindicalista continuava a crescer entre os trabalhadores, pois para esses, somente a revolução social poderia reestruturar a Espanha.

Assim que retorna para a Espanha, Durruti participará de uma série de debates nas fileiras das organizações anarquistas acerca da questão estratégica. Alguns militantes mais antigos da FAI e da CNT questionavam que o momento não era vantajoso para uma ação revolucionária, propondo nesse caso a consolidação dos sindicatos, o que de fato para nós é um ponto importante, ter uma base sindical forte, porém, o problema é que para esses membros esse trabalho deveria ser feito a partir da submissão as regulamentações do Ministério do Trabalho, o que tornaria a CNT muito menos combativa. O segundo grupo que havia se constituído durante o período ditatorial de Primo de Rivera, tinha concepções opostas àquelas dos membros antigos, pregavam uma luta sem trégua para com a República pela construção do comunismo libertário por meio da revolução social. O último grupo era formado pelos teóricos do anarquismo que contribuía muito com suas análises políticas, entretanto, pecavam pela rigidez da doutrina.

Durruti pertencia ao segundo grupo que conseguiu se sobressair em relação aos demais, iniciando assim o que Abel Paz chamou de ciclo insurrecional do anarquismo espanhol. As principais figuras desse ciclo – Buenaventura Durruti, Francisco Ascaso e Garcia Oliver – encontravam-se amplamente ancoradas nas prédicas bakuniniana de total apoio a capacidade criadoras das massas e da necessidade da organização revolucionária.

Para Jean Barrué,

A ação espontânea combina perfeitamente com esse princípio tradicional do sindicalismo: a independência em relação ao Estado e aos partidos; isso quer dizer que a afirmação de que os próprios trabalhadores determinam sua ação e de que sua emancipação será sua obra. (BARRUÉ, 2015, p. 214)

Era exatamente essa prédica que a CNT desde sua fundação estava pautada para construção do anarcossindicalismo com finalidade revolucionária e sua organização era semelhante ao que Bakunin preconizava em *Protestação da Aliança*,

Daí a importância que Bakunin concede, em *Protestação da Aliança*, à organização do proletariado no terreno econômico e “a imensa vantagem prática” que ele reconhece “às seções de ofício sobre as seções centrais” o que, em linguagem atual, quer dizer: aos sindicatos sobre os grupos de afinidade política. (BARRUÉ, 2015, p. 214)

A concepção sindical da CNT era de matriz bakuniniana, o próprio sentido da organização era pautada nos moldes estabelecidos por Bakunin em 1868, contrapondo com o pensamento bolchevique, o organizacionismo cenetista era antítese do centralismo que,

[...] Bakunin opõe uma coordenação das ações espontâneas “não de cima para baixo, impondo à diversidade do trabalho nas massas uma unidade ou uma ordem factícias como o fazem os Estados; mas de baixo para cima, ao contrário, tomando por ponto de partida a existência social das massas, suas aspirações reais, e provocando-as para agruparem-se, harmonizarem-se e equilibrarem-se conforme a essa diversidade natural de ocupações e situações, e ajudando-as nisso. Tal é o objetivo próprio à organização das seções de ofícios. (BARRUÉ, 2015, p. 216)

A CNT era então uma organização claramente revolucionária ancorada no pensamento de Mikhail Bakunin e que precisava se defender dos ataques do governo. O Comitê Nacional convocou a plenária nacional para discutir a violência institucional do Estado e como resposta a ela, decidiram atacar com a violência revolucionária. Para tal objetivo fora criado o Comitê Nacional de Defesa que teria como missão coordenar os grupos locais, mas alguns grupos, principalmente, os membros antigos viam na criação do organismo de defesa aspectos autoritários.

Durruti critica esse tipo de posicionamento pelo simples fato deles não perceberem que o Comitê de Defesa fora criado sobre as bases do anarquismo justamente para não ter risco de se desenvolver nele princípios autoritários, suas bases eram “federação na base, iniciativa de todos, lugares de convergência, reuniões a todos os níveis (local, distrital, regional ou nacional). O poder de decisão não pertencia,

portanto, ao organismo destacado do contexto, mas ao conjunto dos grupos federados.”
(PAZ, sd., p. 158)

O *Solidaridad Obrera* também contribuía na questão da defesa orientando os trabalhadores sobre os investimentos que eram disponibilizados para que o Estado pudesse reprimir o povo,

Passa de 25 milhões o orçamento para metralhar o povo

Madri, 2.- As 11 horas da noite se reuniu a Comissão de Governança, terminando a reunião as 2:30 da madrugada. Assistiram o subsecretário de departamento e o diretor geral de Segurança.

O Assunto mais importante foi o informe do subsecretário e do diretor geral de Segurança acerca das modificações que se introduziram na Guarda Civil, de acordo com a autorização que foi concedida ao ministro. Propõe-se um repasse de 5.000.000 de pesetas, e se bem que subsiste, o Corpo permanece bastante modificado.

Há um aumento considerável dos Guardas de Segurança e de Assalto, que sobrepassa a enorme cifra de 14.000.000 de pesetas.

Para o pessoal de vigilância conseguiu-se um aumento de 5.000.000 de pesetas.

Os gastos reservados aumentam a 2.500.000 pesetas e este aumento nestes gastos reservados é considerável, já que em tempos anteriores não chegavam a 500.000 pesetas, causa estranheza em alguns da comissão que pensam em interrogar o Ministro sobre o caso particular e opor-se ao mesmo na Câmara. (SOLIDARIDAD OBRERA. 3 de dezembro de 1932. p. 1. Tradução nossa)

Esse contexto repercute na campanha da CNT-FAI para que se conheçam seus posicionamentos e principalmente para denunciar a repressão republicana. Para tal objetivo organizaram comício que contou com a participação de Durruti,

A vossa presença neste comício e a minha presença nesta tribuna mostram claramente à burguesia e ao governo que a CNT e a FAI são forças que aumentam com as repressões e se tornam maiores na adversidade. Apesar de todos os golpes recebidos, não desviam dos seus objetivos revolucionários. Esta manifestação deve constituir uma advertência para a burguesia, para o governo e para os camaradas socialistas. Podem ajuizar que os anarquistas não saiam domados das prisões e do exílio, mas mais corajosos, mais enraivecidos, mais fortes.

O governo republicano-socialista cria que, com a deportação de uma centena de trabalhadores, a CNT ia arriar o pavilhão. Ao agir desta maneira, demonstrou, uma vez mais, o seu desconhecimento da realidade social e da razão de ser do anarquismo.

A imprensa burguesa aplaudiu a medida governamental da deportação, pensando que, uma vez exilados os chefes, as ovelhas voltariam ao curral. Por outras palavras, que, “morto o cão, a raiva desapareceria”. Os escrevinhadores burgueses enganaram-se, tal como se tinha enganado o próprio governo. Nenhum desses senhores compreendeu ainda que a classe operária espanhola não é uma carneirada massificada que oferece o pescoço

para que aí se ponha o jugo, mas que é composta por bravos e que morrerá de preferência a deixar-se domar.

Acerca de mim, tal como sobre os meus camaradas de deportação, disseram tais enormidades que, pensando desacreditar-me, chegaram, mas é ao efeito inverso: um Durruti malfeitor, isso é qualquer coisa que os trabalhadores não podem conceber. Eles sabem que os malfeitores não são gente que se levante às seis horas da manhã, para ganhar o pão com o suor do rosto. Para nos combater, foram empregadas as piores armas. A teoria dos “chefes” da CNT é idêntica à dos “malfeitores” da FAI.

Aqueles a quem a burguesia chama “chefes” são trabalhadores que toda a gente conhece e a maneira de viver que têm, é idêntico à de todo o operário miserável. O que pode distingui-los é o fato de eles terem tido a coragem de escolher o pior posto de combate, o de estarem na primeira fila para receberem uma bala ou para povoarem as prisões.

Os verdadeiros bandidos, os verdadeiros malfeitores, são os políticos que têm necessidade de enganar e adormecer os operários, prometendo-lhes a semana de sete dias de ripanço, para lhes arrancarem o voto que os levará direitinho ao parlamento e lhes permitirá viver como parasitas do suor dos trabalhadores.

Mal os nossos camaradas, deputados socialistas, juntaram, eles próprios também, as suas vozes às deste cortejo de eunucos, mostraram a sua verdadeira face. Por que, evidentemente, há numerosos anos que deixaram de ser operários e, por conseguinte, socialistas. Vivem da atividade de deputados.

Para o governo, exilar-nos, foi um erro político, porque teve que nos pagar a viagem até as Canárias, para que fizéssemos propaganda anarquista. Ao menos uma vez, o dinheiro que o Estado tinha previamente roubado aos trabalhadores terá servido a causa da revolução.

Outro argumento utilizado contra nós é dizer que estamos ao serviço dos monárquicos, que fazemos o jogo da reação, ao combatermos a República. A atitude da CNT em Sevilha mostra que este argumento também não se aguenta bem de pé. É a segunda vez que a CNT salva a vida à República. Mas que os republicanos não se enganem com isso: Sanjurjo disse que “os anarquistas não passariam”, mas os anarquistas passaram e Sanjurjo teve que “morder o pó”. Tomem os republicanos bem nota do que segue: A CNT disse não a Sanjurjo, contudo ela diz não, também, a República.

Que os republicanos socialistas o fiquem a saber: ou eles resolvem o problema social ou então é o povo que resolverá. Pensamos que a República não pode resolvê-lo. Por isso, dizemos claramente à classe operária que não há mais que um dilema: ou morrer como escravos modernos, ou viver como homens dignos, pela via direta da revolução social.

Portanto, vocês, operários que me escutam, saibam desde já com que contar. É de vocês que depende a mudança do devir de nossa vida. (DURRUTI *apud* PAZ, sd., pp. 160-161)

Por meio do discurso de Durruti podemos perceber que a burguesia e os republicanos tinham uma concepção da CNT bolchevista, ou seja, uma organização que dispunha de líderes que guiavam os trabalhadores rumo a revolução, caracterizando o próprio Durruti como um desses líderes, entretanto, essa concepção não poderia ser

mais errônea, dado que a base da CNT era o respeito a capacidade criativa das massas e sua auto-organização.

Outro ponto importante na fala de Durruti é a crítica feita pela República qualificando os anarcossindicalista de se aliarem aos monárquicos para destruir o governo. Os republicanos, porém, esquecem-se de que a CNT desde sua fundação em 1910, fora a linha de frente do operariado espanhol na luta contra exploração e contra qualquer forma de opressão, dado que o próprio objetivo dela sempre foi a implantação do comunismo libertário pela via revolucionária.

O posicionamento de Durruti nesse comício inflamou a classe trabalhadora contra as ações repressivas do governo, era o início do ciclo de insurreições. O governo, em medidas cada vez mais desesperadoras, fechava os sindicatos, prendia arbitrariamente trabalhadores e aplicava multas à imprensa confederal.

Cansados com a repressão, os trabalhadores se insurgiram em diversas localidades proclamando o comunismo libertário. De acordo com Abel Paz, as zonas insurretas foram a Andaluzia, de maneira mais intensa em Arcos de la Frontera, Utrera, Málaga, La Rinconada, San Lucar de Barrameda, Cádiz, Alcalá de los Gazules, Medina Sidónia e Casas Viejas. Em Barcelona ocorreram insurreições em Tarrasa, Sardanola e Ripolles, sendo completamente reprimidas, sindicatos foram fechados e prisões transbordavam de operários e sindicalistas.

Com o intuito de dimensionar a repressão governamental reproduziremos o caso da insurreição em Casas Viejas segundo a pesquisa realizada por Antony Beevor,

Durante os primeiros dias de janeiro, como parte da constante jacquerie na Andaluzia, uma onda de violência irrompeu na província de Cádiz. Casas Viejas, cidadezinha com antiga tradição anarquista, viu a chegada do “dia”, ou seja, a introdução do comunismo libertário. Em 11 de janeiro, um grupo de anarquistas sitiou o posto da Guarda Civil e começou um tiroteio. Mais guardas civis e assaltos chegaram de Cádiz e cercaram uma casa onde um velho anarquista conhecido como “Seisdedos” os expulsou. O diretor-geral de segurança ordenou que um capitão de assalto, Manuel Rojas, desse fim ao impasse. Rojas pôs fogo na casa e dois homens que fugiram das chamas foram alvejados. Rojas então ordenou que seus homens matassem a sangue-frio 12 anarquistas que tinham sido presos anteriormente. No total, vinte e dois camponeses e três integrantes das tropas de segurança morreram em Casas Viejas. (BEEVOR, 2007, p. 68)

Esse relato de Beevor demonstra que os trabalhadores eram massacrados em todas as formas representativas, seja na monarquia, na ditadura ou na República. Com a repressão as insurreições grande maioria de socialistas iniciaram um processo de

radicalização, segundo Beevor, começaram a se organizarem com mais frequência fora das Cortes, ou seja, começaram a se aproximar efetivamente dos operários.

As eleições de novembro de 1933 garantiram a vitória a direita, principalmente a Confederação Espanhola de Direitas Autônomas (CEDA). Nesse contexto os anarquistas ancorados nas ideias antiestatistas e completamente enfurecidos com a repressão do governo fizeram campanha pela “abstenção nas eleições para fazer pressão sobre a esquerda e, eventualmente, deixar passar a direita, o que desencadearia a revolução socialista.” (MINTZ, 2016, p. 97)

A formação do novo governo sob o comando de Lerroux, contando com o apoio do líder da CEDA José María Gil Robles inicia o processo de destruição das conquistas dos trabalhadores. As medidas adotadas pelo governo no intuito de favorecer a burguesia foram “de interromper a reforma agrária, cancelou em maio o confisco das terras pertencentes aos grandes da Espanha e anulou a lei que dava aos trabalhadores agrícolas a mesma proteção que aos empregados da indústria.” (BEEVOR, 2007, p. 70)

Enquanto isso os trabalhadores propagandeavam as ideias libertárias clandestinamente, dado que a imprensa confederal era constantemente censurada pelo governo. Por meio do periódico, publicado na clandestinidade, *La Voz Confederal*³¹ Durruti realizou um balanço das insurreições do ano de 1933. Segundo o anarquista,

É certo que as condições não estavam maduras. Se o tivessem estado, não estaríamos na prisão! Mas é certo, também, que vivemos um período pré-revolucionário e que não podemos permitir que a burguesia o domine, fortificando o poder do Estado. Da mesma maneira, devemos impedir que o Estado se fortifique, integrando o sindicalismo o que é a ambição política dos socialistas e de alguns dos nossos antigos camaradas.

É nesta perspectiva que se deve interpretar a tentativa revolucionária de 8 de janeiro. Jamais pensámos que a revolução consiste na tomada do poder por uma minoria que imporia a sua ditadura ao povo. A nossa consciência revolucionária opõe-se a tal tática. Queremos uma revolução feita por e para o povo. Fora desta concepção, não há revolução possível. Seria um golpe de Estado, nada mais. E nós, arrancando da fábrica, da mina e do campo, procuramos promover uma revolução social efetiva. E não há nisso nem blanquismo, nem trostkysmo, tão somente a ideia clara e precisa que a revolução é qualquer coisa que é preciso preparar todos os dias; com uma incógnita: não se pode nunca saber, de maneira segura, quando ela pode rebentar. (DURRUTI *apud* PAZ, sd., p. 168)

A visão aguçada da realidade permite a Durruti não ficar preso no mundo das ideias, pelo contrário, quando ele admite que as condições não estavam propícias para

³¹ Segundo Abel Paz o jornal *La Voz Confederal* sob a atuação clandestina teve uma tiragem de 50.000 exemplares.

uma revolução ele demonstra uma percepção profunda do momento espanhol, tanto que para ele, a Espanha passava por um período pré-revolucionário, lembrando que essa análise foi feita três anos antes da eclosão da revolução de 1936.

Durruti se mantivera fiel, em sua análise, aos princípios libertários. Sua concepção de revolução ainda ancorava-se na prédica “do povo e para o povo” e, qualquer outra forma de conceber a revolução resultaria em golpe de Estado que não seria capaz de emancipar o povo, seria, na verdade, seu algoz. Era necessário preparar a revolução dia-a-dia nos corações e mentes das massas, dado que não há previsibilidade da insurreição revolucionária.

A situação socioeconômica do povo tornava-se pior devido a crise econômica de 1933 que refletia a crise internacional iniciada em 1929. Em Barcelona, grande centro industrial, ocorreu uma série de demissões em praticamente quase todos os setores das indústrias. Com o intuito de enfrentar a crise, os trabalhadores se organizaram uma espécie de sindicato dos desempregados que teria o objetivo de impor “a todos os patrões que recorriam às horas suplementares, o encargo de tomarem ao serviço alguns dos seus membros.” (PAZ, sd., p. 173)

No contexto de crise e desemprego, a FAI realiza reuniões para discutir as estratégias de arrecadação de fundos para as organizações operárias, uma das questões abordadas foi a da expropriação coletiva que era identificada pela imprensa burguesa como banditismo e que acabava por repercutir entre alguns trabalhadores. Para esclarecer os possíveis desentendimentos, Durruti explicava que durante sua vida, assaltara bancos não só na Espanha, mas em outros países, entretanto, aquilo era uma espécie de expropriação coletiva, dado que ele não ficava com o dinheiro, ele era totalmente repassado ao caixa da organização e com esse dinheiro ela aumentava a tiragem de seus jornais, criava-se órgãos de apoio mútuo para trabalhadores vítimas do desemprego, reserva uma quantia para o fundo de greve, portanto, a organização realizava suas atividades com essa forma de expropriação, mas a decisão dos anarquistas nessas reuniões poria fim a essa forma de expropriação, decidiram, então, pela expropriação revolucionária dos meios de produção pelos próprios trabalhadores.

E era exatamente pela via da revolução que a CNT começava a se organizar para construção do processo que desembocaria na insurreição de dezembro de 1933. Isso

logo após sua campanha contra o eleitoralismo, pois para ela só a insurreição armada era a saída para a crise.

A CNT estabelece as táticas no qual a insurreição poderia ser acionada. Em Aragão, Rioja e Navarra a insurreição seria violenta, já na Catalunha ela deveria se concentrar na arma da greve geral e ao Norte e Centro as ações se pautariam no convencimento a partir do exemplo. Ao lado da coordenação das ações, a propaganda também terá papel importante, a partir dela será divulgado o projeto de construção do comunismo libertário. Os panfletos da CNT, de um lado, convocam os trabalhadores a ocuparem as fábricas e as minas, apossarem-se de todo controle da produção, de outro lado, estabelecia as formas organizativas da sociedade, apresentava a constituição de conselhos que se federalizavam no aspecto local, as aldeias tornar-se-iam comunas responsáveis pela distribuição da produção e para defender as conquistas da revolução os operários organizar-se-iam em milícias armadas. Nesse contexto, Aragão, de acordo com Durruti, seria o centro da revolução proletária. Ele “atribuía uma grande importância em ver realizar-se, na luta, a tal solidariedade entre os operários e os camponeses, união sem a qual a revolução jamais poderia triunfar.” (PAZ, sd., p. 183)

A revolução operária tem seu início,

No dia 8 de dezembro de 1933, às dez horas, o governo, alertado pelos governadores das províncias, decretou “o Estado de Sítio”. A luta já se travava em metade da península; a greve era geral em Barcelona, Huesca, Valência, Sevilha, Córdoba, Granada, Cádiz, Badajoz e Gijón; era apenas parcial, nas zonas controladas pelos socialistas: as Astúrias e Bilbao. Nas outras capitais provinciais e em Madri reinava uma grande confusão.

Enquanto que,

Nos setores controlados pelos revolucionários, assembleias populares decretaram a supressão da propriedade privada, a dissolução das forças da polícia e do exército. Aboliram a dominação de classe e a defesa da revolução foi confiada a milícias armadas, postadas nos pontos estratégicos. (PAZ, sd., p. 184)

O processo revolucionário durou poucos dias, chegando ao fim em 15 de dezembro, enquanto que ainda havia focos de greve em algumas localidades. Segundo o historiador Frank Mintz a revolução fracassou “porque se limitou a Aragão, Andaluzia e Estremadura.” (MINTZ, 2016, p. 97), entretanto, a questão do fracasso, para nós, não parte apenas da questão de localização, mas sim do isolacionismo que impossibilitou as províncias de estabelecerem canais de comunicação para que pudessem coordenar em

escala maior o processo revolucionário, dado que a própria insurreição havia se espalhado pelo país.

Na autocrítica de sua derrota, os militantes anarcossindicalista entendia que o próprio fracasso poderia ser evitado se tivesse contado com o apoio da UGT, mas é preciso esclarecer que a aliança que a CNT abordava era uma aliança construída na base, ou seja, entre os trabalhadores. Com isso rejeitavam qualquer medida que a pudesse subjugar ao Partido Socialista. Durruti em carta a Liberto Calleja esboça sua concepção de aliança operária,

[...] A aliança, para ser revolucionária, deve ser autenticamente operária. Deve ser o resultado do pacto passado entre as organizações operárias e só elas. Nenhum partido, por muito socialista que seja, poderá pertencer à aliança operária que deve construir-se na base, nas empresas onde os trabalhadores lutam. Os seus órgãos representativos serão os comitês operários, constituídos nas oficinas, nas fábricas, nas minas e nas aldeias. Devemos rejeitar qualquer pacto a nível nacional, entre Comitês Nacionais, em proveito de uma aliança realizada na base, pelos próprios trabalhadores. Então, e só então, a iniciativa revolucionária poderá despertar, desenvolver-se, cimentar-se. (DURRUTI *apud* PAZ, sd., p. 189)

Para os anarquistas, a aliança devia estar cimentada no espírito de solidariedade entre os trabalhadores, de maneira autônoma e na base, não estabelecendo nenhum tipo de acordo no âmbito institucional, pois dessa forma os trabalhadores manteriam seu caráter combativo, dado que as decisões partiriam deles e não de uma cúpula dirigente.

Após a realização da plenária a CNT adotou a seguinte resolução³² a acerca da aliança,

A Confederação Nacional do Trabalho pede à UGT para manifestar claramente e publicamente seus objetivos revolucionários. Precisamos que a revolução não pode ser, para nós, uma simples mudança de governo, como em 14 de abril de 1931. Trata-se de suprimir totalmente o capitalismo e o Estado. (CNT *apud* PAZ, sd., p. 190)

Essa política de aliança operária proposta pela CNT não obteve muito sucesso, restringiu-se apenas nas Astúrias, no resto do país permaneceu emperrada pelo reformismo, parlamentarismo do Partido Socialista que, por sua vez, repercutia essas ideias na UGT.

E será exatamente na região asturiana que eclodira uma insurreição operária que proclamara a Comuna das Astúrias. Na Catalunha também ocorrem ações nas quais os trabalhadores impõe um caráter genuinamente revolucionário, principalmente na cidade

³² Resolução adotada no plenário realizado em fevereiro de 1934.

de Granollers, entretanto, essa ação serviu de justificativa para o governo reprimir duramente a CNT-FAI fechando seus sindicatos e suspendendo o *Solidaridad Obrera* por um período de 5 meses.

Nos dias 5 e 6 de outubro na região mineira das Astúrias 23 casernas das Guardas Civis caem nas mãos dos trabalhadores que se apossam dos armamentos constituindo-se rapidamente em milícias. A ação nas minas repercute em Mieres, Robellada, Santallana e Sama formando-se milícias operárias, além do surgimento de comitês que funcionavam como organismos que esboçavam o projeto da revolução social.

A CNT desempenhará papel importante na organização revolucionária em Gijón. Em La Felguera ela controla as oficinas mecânicas que iniciaram o processo de fabricação de munições que eram destinadas aos milicianos que estavam lutando na linha de frente.

Em Avillez os trabalhadores ocupam a fábrica de gás e central de distribuição elétrica. Oviedo registra combates de ruas ao mesmo tempo em que os operários expropriam a fábrica de armas, garantindo dessa forma, 21.000 espingardas e 300 espingardas-metralhadoras para a defesa da Comuna.

As oficinas metalúrgicas também sob o controle da classe trabalhadora iniciava um trabalho ininterrupto de fabricação de projéteis. Diariamente eram construídos 30.000 cartuchos, entretanto, ainda era número insuficiente, dado que as milícias encontravam-se em 40.000 homens que lutavam contra o cerco da Comuna que a essa altura estava cercada pelas tropas vindas do Marrocos, comandadas pelo General Francisco Franco.

A Comuna das Astúrias resistirá até o dia 18 de outubro. A principal fraqueza, segundo Abel Paz, foi a ausência de um plano sério e de uma coordenação a nível nacional que poderia levar eclosão de insurreições em outras localidades. A CNT participou profundamente do processo asturiano, contou com 22.000 federados, com maior concentração em Gijón (13.000) e La Felguera (4.000).

A experiência comunalistas deu aos operários e camponeses de que a revolução não é apenas uma utopia, mas se mostrou seriamente realizável, portanto, a Comuna

deitou as bases do que se tornaria o projeto de comunismo libertário que seria construído na Revolução de 1936.

A Comuna das Astúrias demonstrou claramente os princípios anárquicos que Piotr Kropotkin creditava às experiências comunistas, os trabalhadores espanhóis basearam-se “por atos revolucionários socialistas, abolindo a propriedade individual, que as comunas da próxima revolução afirmarão e constituirão sua independência.” E “não se limitará a expropriar os detentores do capital social por um decreto, que permaneceria inaplicável: tomará posse imediata e estabelecerá seus direitos, utilizando os sem demora.” (KROPOTKIN, 2005, p. 111)

Para Frank Mintz a “característica do movimento das Astúrias foi que, pela primeira vez na história da Espanha, os socialistas, os comunistas e os anarcossindicalistas aplicaram juntos suas teorias sobre a revolução.” (MINTZ, 2016, pp. 98-99)

Em relação à direita espanhola,

[...] os protestos não eram menos violentos e exigia-se que o governo desse provas de uma dureza exemplar: “destruir a semente revolucionária, até no ventre das mães”, tal era a expressão corrente entre as pessoas da direita que assim manifestavam o seu ódio de classe. Não havia vida política nas Cortes. Permaneciam, unicamente, algumas liberdades sumárias, com as quais a democracia burguesa camuflava o regime, para o fazer passar por liberal. Os sindicatos e os centros operários estavam fechados; o direito de reunião, suspenso; a imprensa operária, proibida. Só a gente de “bem”, a burguesia e os militares, podiam gozar de todos os privilégios. Os padres retumbavam do alto dos púlpitos, caluniando os mineiros asturianos, os proprietários rurais diminuía os salários dos operários agrícolas e, ao deixarem as terras incultas, agravaram a fome, já de si crônica na Andaluzia e na Estremadura. (PAZ, sd., p. 212)

Com o fim da revolução nas Astúrias, a Espanha contava com 30.000 presos políticos, entenda-se por isso militantes operários, maioria pertencente a CNT.

Abel Paz mostra que para os anarquistas, outubro tinha sido uma forma experimental que confirmava a tese libertária do anti-partido e da anti-política³³, confiando plenamente nas ações da classe trabalhadora, defendiam uma aliança operária constituída na base, emancipando-se de qualquer figura dirigente.

Enquanto isso a burguesia se reagrupava, concentrando seus núcleos,

³³ Subentende-se aqui anti-política em referência às formas institucionais, ou seja, parlamentarista.

[...] compreendendo a maioria da média burguesia e camadas importantes da pequena burguesia urbana e rural (esta última que explorava uma mão de obra salariada, em particular), formavam, na realidade, um bloco, juntamente com a aristocracia dos proprietários rurais, as castas militares e eclesiásticas, e aos grupos fascistas de criação recente. (PAZ, sd., p. 217)

É nesse cenário de ascensão do fascismo que adentramos as eleições de 1936. A direita não estava disposta a ceder espaço para a esquerda, estando disposta a recorrer ao golpe militar caso as urnas não lhe garantissem a vitória. Alguns militantes da CNT acreditavam que a esquerda no poder poderia garantir anistia aos presos político, o que garantiria a central o retorno de seus militantes que se encontravam encarcerados. Acerca dessa questão Durruti se posicionou do seguinte modo,

O bloco da esquerda pretende que, se a direita levar a melhor, desencadeará a revolução; a direita replica que, se a esquerda sair vitoriosa, desencadeará a guerra civil. Encontramo-nos, portanto, à beira da revolução ou da guerra civil. É o que devemos explicar claramente aos trabalhadores, fazer-lhes compreender que o voto não pode resolver nada. O operário que toma parte na votação, depois fica tranquilo em casa, é um contrarrevolucionário. Passa-se o mesmo com aquele que se limitar a não votar. Resolver este enigma não pode fazer-se senão na rua, com as armas na mão. (DURRUTI *apud* PAZ, sd., pp. 223-224)

Com o apoio dos trabalhadores a Frente popular consegue vencer as eleições. Obtendo 4.176.156 votos conquistando 269 deputados, já a direita 3.783.000 votos resultando em 202 deputados.

O plano de fundo das eleições seria a realidade econômica do país, segundo Antony Beevor, desde 1931 os investimentos privados estavam em constante queda e no ano de 1936, os índices eram semelhantes aos de 1913. Nesse contexto os trabalhadores apresentavam “enormes exigências salariais, muitos além do que as fábricas e fazendas poderiam suportar. As greves se multiplicaram, o desemprego aumentou e o valor da peseta caiu muito no câmbio internacional.” (BEEVOR, 2007, p. 84)

A direita insatisfeita com o resultado do pleito começa a conspirar contra a República. A burguesia espanhola teria a garantia de seus ideais somente com um governo autoritário, entrara em cena então, o fascismo. Entretanto, a particularidade espanhola criou um tipo particular de fascismo, como podemos ver, por exemplo, no movimento falangista,

O falangismo diferia do nazismo e do fascismo em sua natureza profundamente conservadora. Mussolini usava símbolos romanos e imagens imperiais em seus discursos apenas pelo efeito propagandístico. A Falange, pelo contrário, usava fraseologia moderna e revolucionária, mas permanecia fundamentalmente reacionária. A Igreja era a essência da *Hispanidad*. O

novo Estado, “se inspiraria no espírito da religião católica que é tradição na Espanha”. Os seus símbolos eram os de Fernão e Isabel: o jugo do Estado autoritário e as flechas da aniquilação para acabar com a heresia. Não só pegaram emprestados os símbolos como tentaram reviver a mentalidade castelhana. O falangista ideal era imaginado como “meio monge, meio soldado”. (BEEVOR, 2007, p. 86)

O fascismo espanhol era estruturalmente conservador, era mantenedor dos *status quo* da Igreja e da burguesia, remetendo ao tempo do absolutismo para buscar seus símbolos, para ser mais exato, remetia ao século XVI.

Em meio a esse processo, a classe trabalhadora continuou lutando com sua radicalidade tradicional. Abel Paz relata as ações do movimento operário espanhol nesse período,

[...] entre os camponeses, a situação estava mais escaldante e eles puseram-se a praticar a expropriação, tendo perdido toda e qualquer esperança numa solução proposta pelo governo. Os mais audaciosos, foram os camponeses de uma aldeia próxima de Madri: Cenicientos. Decidiram ocupar coletivamente um imenso domínio: “Encinar de la Parra”, que se puseram a trabalhar em comum. Em seguida, o Sindicato enviou ao Ministro da Agricultura um documento, resumindo a situação: “Posto que os nossos braços, os animais e as atrelagens estavam parados, que os nossos filhos estavam esfomeados, não nos restava outro recurso senão invadir as terras. E nós invadimo-las. Graças ao nosso trabalho, elas produzirão o que não produziam antes; será o fim da nossa miséria e o aumento da riqueza nacional. Pensamos que não lesámos ninguém e pedimos somente a legalização desta situação, além dos créditos necessários para consumarmos, em paz, o nosso trabalho.” (PAZ, sd., pp. 227-228)

Beevor contribui igualmente no estudo das ações operárias, de acordo com ele,

Na primeira quinzena de março, *braceros* sem terra começaram a ocupar propriedades nas províncias de Madri, Toledo e Salamanca. Então, no alvorecer de 25 de março, 60 mil camponeses sem terra da província de Badajoz ocuparam terras e começaram a ará-las. Nas semanas seguintes, houve ações semelhantes nas províncias de Cáceres, Jaén, Sevilha e Córdoba. (BEEVOR, 2007, pp. 89-90)

As reações populares encontravam-se amplamente ancoradas na espontaneidade, segundo Abel Paz, entre 16 de fevereiro e 15 de junho de 1936 houve 160 igrejas queimadas, 269 mortos, 1287 feridos, 215 atentados, 113 greves gerais, 228 greves parciais e 145 bombas.

1936: guerra e revolução

O IV congresso da CNT³⁴ realizado em Zaragoza no mês de maio de 1936 já alertava para o risco de um golpe militar, alegando também que a luta contra os facciosos não poderia ser feita no parlamento, mas sim na rua.

Reconhecendo que as provocações fascistas estão assumindo um caráter alarmante chegando ao ponto de ameaçar a vida dos trabalhadores que possuem diferentes ideologias para os seus, a C.N.T. não consegue contemplar impassível como os enredos terroristas se desenvolvem na sombra e devem pontuar a posição contra o fascismo. (IV CONGRESSO DA CNT. 1 a 10 de maio de 1936. p. 7. Tradução nossa)

O posicionamento ratificado no congresso era muito claro para as massas, entretanto, o governo continuava a não acreditar na possibilidade concreta de ser derrubado por um golpe fascista. Enquanto isso os trabalhadores tornavam-se cada vez mais um “problema” para a burguesia, na Espanha,

[...] o ritmo das greves e da violência política aumentou com o início do verão. Em 1º de junho, a UGT e a CNT convocaram todos os operários da construção civil, os mecânicos e operadores de guindaste para uma greve. Durante a manifestação que se seguiu com 70 mil trabalhadores, os operários foram atacados com armas de fogo pelos falangistas, os grevistas saquearam armazéns de secos e molhados e as tropas de segurança tiveram de ser chamadas. No início de julho a UGT aceitou negociar, mas a CNT continuou lutando. Os integrantes da CNT reagiram na mesma moeda aos ataques falangistas e mataram três guarda-costas de José Antonio num bar. O governo fechou os centros da CNT em Madri e prendeu os líderes da greve, David Antona e Cipriano Mera, que mais tarde se tornou o comandante anarquista mais eficiente da guerra civil. (BEEVOR, 2007, p. 94)

A constante radicalização das lutas levou a burguesia a deferir um golpe contra a República, que até então tinha sido sinalizado pela CNT em seu congresso, no dia 18 de julho de 1936 tem-se início o Golpe Militar que se concretizara por uma guerra civil que durará até o ano de 1939.

Segundo Georges Balkanski o golpe de 1936 não tinha somente a preocupação de por fim a República, pelo contrário, seu maior objetivo era o “esmagamento de uma classe operária muito revolucionária” (BALKANSKI, 2015, p. 75), desenvolvendo na Espanha uma particularidade, no processo que se iniciou com o golpe ocorreram simultaneamente outros sete acontecimentos: “golpe de Estado militar, contrarrevolução

³⁴ A ata do IV Congresso pode ser consultada em: <http://www.cgtmurcia.org/cultura-libertaria/anarkobiblioteca/memoria-libertaria/de-1910-a-1939/1158-cuarto-congreso-de-cnt-acuerdos>. Acesso em 30/10/2018.

preventiva, defesa governamental, resposta popular armada, guerra civil, revolução social e guerra nacional defensiva.” (BALKANSKI, 2015, p. 75)

No dia seguinte ao golpe, 19 de julho, os trabalhadores pegaram em armas não para defender a República, mas sim para combater o fascismo através da revolução social. Operários e camponeses, homens e mulheres lutaram de uma só vez a Guerra e a Revolução. Revolução que teria aspecto profundamente econômico.

Para Balkanski,

A transformação revolucionária, acompanhada inevitavelmente por certas expropriações – algumas vezes indispensáveis, por causa da fuga dos proprietários fascistas, que abandonaram suas propriedades e empresas –, realizou-se mais ou menos espontaneamente sob as formas mais diversas: *municipalizações, sindicalizações, coletivizações e socializações*. (BALKANSKI, 2015, p 75. Grifos do original)

Na luta contra o fascismo temos a criação do Comitê Central das Milícias³⁵, órgão que tinha ficado responsável por passar de modo rápido à normalização da vida, segundo Abel Paz, o comitê atribuiu a si mesmo poderes de publicar instruções no qual toda população deveria seguir, com o intuito de manterem-se em ordem revolucionária. Durruti sempre foi um crítico desse órgão, pois enxergava nele um foco de autoritarismo sobre a população.

Sob sua responsabilidade, Durruti ao lado de Perez-Farras³⁶ organizaram uma coluna que teria por objetivo a conquista de Zaragoza, contavam com aproximadamente 6.000 homens³⁷. Os milicianos eram organizados pelo comitê, mas para evitar o centralismo por parte deste, as colunas eram controladas pelos sindicatos.

Enquanto isso a CNT mobilizava os trabalhadores para se organizarem nos comitês revolucionários ou de defesa que foram construídos em cada bairro para em uma ação conjunta combater o fascismo e construir o comunismo libertário. Constroem-se restaurantes populares disponibilizados para a população e aos milicianos, destacando-se que a refeição era gratuita.

Na questão militar os comitês de defesa da CNT pregavam a expropriação coletiva dos armamentos que seriam repassados às milícias,

³⁵ O Comitê era composto por representantes da CNT-FAI, UGT, PSOE, Esquerda Republicana, União dos Rendeiros, União Republicana e o POUM.

³⁶ Responsável militar da coluna.

³⁷ Dados de Abel Paz.

Arsenais isolados foram tomados (alguns com ajuda ativa de praças solidários) e armas, tiradas de quatro navios no porto. Até o casco enferrujado do navio prisão Uruguay foi atacado para tomar as armas dos carcereiros. O sindicato dos portuários da UGT sabia de um carregamento de dinamite no porto e, assim que foi tomado, fabricaram-se granadas caseiras durante toda a noite. Todas as lojas de armas da cidade foram saqueadas. Automóveis e caminhões foram requisitados e os metalúrgicos instalaram uma blindagem simples enquanto se empilhavam sacos de areia nas cabines dos caminhões. Os veículos receberam identificação visível com grandes letras brancas pintadas no teto e nas laterais. Em sua grande maioria, eram as iniciais anarquistas, CNT-FAI, mas também se viam POUM e PSUC. Alguns traziam as letras UHP (União dos Irmãos Proletários), grito conjunto da aliança de trabalhadores na revolta asturiana. (BEEVOR, 2007, p. 118)

Esse trabalho de obtenção de armamentos para os revolucionários não pode ser comparado ao que os fascistas recebiam, foram auxiliados do começo ao fim pelos governos nazifascistas de Hitler e Mussolini como podemos constatar a seguir,

Embora o transporte tenha começado quase imediatamente com alguns Breguets, Nieuports e Savoias italianos da força aérea espanhola, foi realizado em sua maior parte pelos Junkers 52 enviados por Hitler, que mais tarde observou que Franco deveria construir um monumento ao avião por este ter sido tão importante para a sua vitória. Mas os nacionalistas também se beneficiaram do fato de que as novas comissões dos navios estavam mal coordenadas, o que reduziu gravemente a eficiência da marinha republicana. Esta também foi impedida de atacar os navios que transportavam unidades do exército da África porque estes eram escoltados pelos pequenos encouraçados alemães Deutschland e Almirante Scheer. Desse modo, os rebeldes conseguiram realizar o chamado “comboio da vitória” com 2.500 soldados e muito equipamento, inclusive armas pesadas que não poderiam ser levadas por via aérea. (BEEVOR, 2007, p. 126)

Enquanto isso os anarquistas se organizavam de maneira autônoma, seguindo as prédicas da autogestão³⁸, dessa forma se coletivizaram hospitais, padarias funcionaram com moldes coletivistas ou comunitários, laboratórios farmacêuticos foram organizados a partir da gestão operária.

No campo, os sindicatos de agricultores deram início à coletivização da terra, instalando armazéns comunais que tinham como objetivo alimentar a localidade. Nos centros metalúrgicos, os operários tomaram o controle das oficinas e garantiram dessa forma a blindagem dos caminhões que foram usados, por exemplo, pela Coluna Durruti. Em relação aos veículos blindados, Antony Beevor, alega que embora “não fossem sofisticados, também não eram concepções grosseiras e improvisadas. Os operários da indústria catalã eram os mais hábeis da Espanha.” (BEEVOR, 2007, p. 177). O autor

³⁸ Segundo René Berthier: “Autogestão” é, antes de tudo o meio de pôr em aplicação o princípio: a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores. Isso implica estruturas organizacionais que permitem a aplicação desse princípio. Essas estruturas são, de saída, essencialmente organismos de base que permitem a expressão de todos os trabalhadores, simultaneamente no plano da empresa e no local de moradia. (BERTHIER, 2002, p. 61)

ainda esclarece que nos nove meses subsequentes, a produção de máquinas aumentou em 60%.

Os membros próximos à Durruti também estavam se organizando para atender as necessidades da revolução da melhor forma possível,

Cada qual assumia funções importantes: Aurélio Fernandez reorganizava com as patrulha de controle, verdadeiro corpo armado da revolução, um corpo de segurança destinado a manter a ordem revolucionária; Ricardo Sanz, na caserna de Pedralbes, encarregava-se da organização das Milícias operárias; Garcia Oliver era uma espécie de Ministro da Guerra, controlando a direção de todo este aparelho; Durruti, enfim, ia ser o primeiro delegado de coluna para a zona da frente de guerra, como pioneiro da revolução e seu propagandista nos campos aragoneses. Os membros do grupo “Nosotros” tinham chegado a definir uma posição clara: era preciso ultrapassar o estágio da aliança entre partidos políticos e criar um organismo revolucionário, apoiando-se para tal os interessados numa assembleia regional em que estivessem presentes operários, milicianos, comitês de defesa, etc. (PAZ, sd.b, p. 31)

Os companheiros de Durruti estavam firmes na autonomia da revolução dos trabalhadores, buscavam a aliança operária, mas na base, ou seja, fora de qualquer esfera institucional. Dentre os citados, podemos perceber que Durruti era o homem de ação, travava a luta no *front*, responsável por uma coluna de milicianos que combatera na frente de Aragão e Zaragoza.

Abel Paz esclarece a necessidade de defender essas localidades. Zaragoza era um ponto estratégico na luta antifascista e a defendiam, também, pelo princípio de solidariedade, lembrando que era conhecida como a segunda cidade do anarquismo e que nela encontravam-se vários militantes presos pelos fascistas.

A luta pela defesa da cidade repercutiu euforicamente em Barcelona, nos sindicatos e comitês de defesa, trabalhadores, aos milhares, vinham para se voluntariarem como milicianos, entretanto, a CNT controlou esse entusiasmo, dado que muitos postos não poderiam ser abandonados, pois representavam estruturas da preservação da revolução, referimo-nos principalmente a esfera da produção. O *Solidaridad Obrera* registra a questão das colunas que se dirigiam para Zaragoza,

O avanço das colunas catalãs sobre Zaragoza continua sem obstáculos

O serviço de informação das colunas que saíram da Catalunha com direção a Zaragoza para lutar contra os facciosos que se fizeram fortes na referida cidade, nos comunica por telegrafo o seguinte:

Nada de importante a assinalar, a exceção da rendição de Caspe, por ponde há passado às 16:40 parte da coluna às ordens do comandante Pérez Farras³⁹.

Não existem concentrações inimigas na zona em que operam as forças catalãs. Outra parte da coluna tem passado por Fraga às 10:30 da manhã de hoje. Todas as Informações coincidem em que as forças sediciosas estão completamente desmoralizadas. (SOLIDARIDAD OBRERA. 26 de julho de 1936. p. 3. Tradução nossa)

A organização desses destacamentos de milicianos era de maneira simples. Em sua composição tínhamos um delegado que era escolhido por todos os membros da coluna e que poderia ser substituído caso esse não representasse os ideais do grupo.

Carl Einstein⁴⁰, antigo membro da Coluna Durruti, nos mostra um relato da dinâmica interna do grupo. Segundo ele, Durruti era um homem extraordinário, objetivo e preciso, nunca dava ordens aos homens da coluna, pelo contrário, era um revolucionário que educava pelo seu próprio exemplo, sempre a frente de sua coluna nos campos de batalha. Era uma coluna anarcossindicalista criada no calor da revolução,

A Coluna Durruti compõe-se de trabalhadores, proletários vindos das fábricas e dos vilarejos. Os operários das fábricas catalãs partiram em guerra com Durruti, os camaradas da província juntaram-se a eles. Os agricultores e os pequenos camponeses abandonaram seus vilarejos, torturados e aviltados pelos fascistas, e transpuseram o Ebre à noite. A Coluna Durruti cresceu com a região que ela conquistou e liberou. Nasceu nos bairros operários de Barcelona, hoje ela compreende todas as camadas revolucionárias da Catalunha e de Aragão, cidades e campos. (EINSTEIN, 2002, p. 77)

Esse relato contribui para compreensão da profundidade das ações que as colunas desempenharam no decorrer da revolução e no caso de Einstein, percebemos as práticas que Durruti vinha desenvolvendo no período da construção das coletividades.

Continuando o relato de Einstein, na coluna era ensinado ao combatente a não lutar por sua cidade ou aldeia, mas sim pelo triunfo da revolução em toda Espanha. A própria Coluna pode ser compreendida como uma coletividade, isso porque ela não era somente uma milícia combatente, era também uma escola para os companheiros analfabetos. Sua própria forma organizativa não era militar nem burocrática, baseava-se no preceito sindical, nas palavras de Einstein, era uma “associação social-revolucionária”. A coluna tinha sua própria concepção bélica, segundo ela a guerra só

³⁹ Pérez-Farras era o responsável militar da coluna da qual Durruti era membro, ocupando a função de responsável político. Entretanto a Coluna era conhecida pela população pelo nome do anarquista espanhol.

⁴⁰ Nascido em 1885 na Alemanha e falecido em 1940 na França, era um historiador da arte, um dos maiores representantes do movimento expressionista alemão, além de ter contribuído para a popularização da arte africana na Alemanha.

poderia ser travada pelos trabalhadores com uma revolução social, afinal, eles não eram soldados, mas sim revolucionários que lutavam pela liberdade.

Durruti contribuía para a disseminação desses ideais, para Einstein,

A grandeza de Durruti devia-se justamente ao fato de ele raramente comandar, mas educar continuamente. Os camaradas vinham vê-lo em sua tenda quando retornava do *front*. Explicava-lhes o sentido das medidas que tomava, e discutia com eles. Durruti não comandava, convencia. Só a convicção garante uma ação clara e resoluto. Aqui entre nós, cada um conhece a razão de sua ação e se faz uno com ela. Cada um se esforçará, a qualquer preço, para assegurar o sucesso de sua ação. O camarada Durruti deu-nos o exemplo. (EINSTEIN, 2002, p. 80)

Einstein nos dá outro relato, agora sobre o processo de coletivizações,

Onde quer que a Coluna penetre, coletiviza-se. A terra é dada à comunidade, os proletários agrícolas, escravos dos caciques que fora, metamorfoseando-se em homens livres. Passa-se do feudalismo agrário ao livre comunismo. A população é tratada, alimentada e vestida pela Coluna. Quando a Coluna para num vilarejo, ela forma uma comunidade com a população. (EINSTEIN, 2002, p. 80)

Com esse relato, Einstein defende a tese de que a construção das milícias parte de um fator proletariado desde sua gênese e assim devera permanecer até o triunfo da revolução. Para concretização desse objetivo, ele defende a disciplina na organização, mas a autodisciplina de cada miliciano de forma voluntária.

Durruti defende esse princípio, dado que para ele a força militar da revolução não pode se sustentar pelo medo, segundo ele, somente se libertando do medo poderão edificar um novo mundo sob bases libertárias.

Ancorava-se nos ensinamentos que recebera de Nestor Makhno durante seu exílio na França, pois, segundo o anarquista ucraniano, a diferença entre um militar e um revolucionário é que o primeiro impõe-se pela força, já o segundo dirige seus companheiros pela sua conduta. Durruti seguia esse exemplo em relação à sua Coluna.

Ela carregava em sua prática a junção de guerra e revolução, os trabalhadores somente travariam uma guerra por meio da transformação social revolucionária, podemos constatar esse posicionamento em Durruti da seguinte forma,

Já vocês organizaram vossa coletividade? Então não estejam à espera. Ocupem as terras! Organizem-se a si próprios sem chefes, sem senhores, sem parasitas. Se vocês não fizerem isso, é inútil que a gente vá mais longe. Temos que criar um mundo diferente daquele que destruímos; senão, não vale a pena que a juventude morra nos campos de batalha. O nosso campo de ação é a revolução. (PAZ, sd.b, p. 41)

Enquanto os anarquistas lutavam contra o fascismo ao mesmo tempo em que edificavam bases para uma nova forma de organização social, os socialistas do PSOE⁴¹ defendiam que a guerra deveria se restringir a derrotar os facciosos e restaurar a ordem burguesa, garantindo assim a manutenção da República.

A nova organização social que os anarquistas preconizavam e construíam merece algumas palavras. Segundo Georges Balkanski, o trabalho de coletivização em Barcelona foi profundo, no tocante aos transportes, cerca de 7.000 trabalhadores (6.500 sindicalizados na CNT) colocaram em prática a autogestão, reconstruíram linhas de bondes que foram danificadas durante os conflitos, pavimentaram ruas. No momento do golpe o salário dos trabalhadores dos transportes estava em torno de 9 pesetas para os operários dos bondes e para os operários qualificados em 12 pesetas, com a revolução passava-se a receber, respectivamente, 15 e 16 pesetas.⁴²

O balanço financeiro das receitas nesse período foi positivo, como podemos ver na tabela a seguir.

| 1935 (pesetas) | 1936 (pesetas) |
|-----------------------|-----------------------|
| Setembro 2.277.774,64 | Setembro 2.600.226,86 |
| Outubro 2.425.272,19 | Outubro 2.700.688,45 |
| Novembro 2.331.745,18 | Novembro 2.543.665,72 |
| Dezembro 2.356.670,60 | Dezembro 2.653.930,85 |

Fonte: Georges Balkanski

Com o aproveitamento das receitas, os trabalhadores começaram a melhorar a infraestrutura de Barcelona. Balkanski mostra que os operários⁴³ do setor de eletricidade construíram uma barragem que resultou em um aumento de 50.000 C.V. na corrente elétrica.

Na questão médica a revolução também foi profunda,

A Federação nacional dos serviços sanitários, seção da CNT, contava desde 1937 com 40.000 filiados. O sindicato desses serviços constituiu-se em Barcelona em setembro de 1936. Cinco meses mais tarde, ele contava com 1.020 médicos de todas as especialidades, 3.206 enfermeiras, 330 parteiras, 633 dentistas, 73 especialistas em diatermia, 10 especialistas indefinidos, 153 herboristas, 203 estagiários, 180 farmacêuticos, 663 auxiliares farmacêuticos

⁴¹ Essa tese era defendida tanto por Indalecio Prieto quanto por Largo Caballero.

⁴² Todos esses valores são soldos diários recebidos pelos trabalhadores.

⁴³ A construção foi resultado do esforço de 700 operários.

etc. Havia em Barcelona, em junho de 1937, 18 hospitais geridos pelo sindicato de medicina (dos quais 6 criados por ele), 17 sanatórios, 22 clínicas, 6 estabelecimentos psiquiátricos, 3 asilos e uma maternidade. (BALKANSKI, 2015, p 80)

De acordo com o autor, em um ano, em Barcelona, foram criados seis novos hospitais, além de nove sanatórios em diversas regiões. Esse ponto nos leva a refletir sobre a transformação que se passava não somente em Barcelona, mas em todo o país, a CNT pensava a construção do comunismo libertário não somente na esfera da produção, mas em todos os processos da sociabilidade, como pudemos ver no caso da medicina.

A revolução na agricultura espalhou-se amplamente pela Espanha. De acordo com Balkanski, no percurso da revolução foram construídas aproximadamente 2.000 coletividades⁴⁴ que racionalizavam o salário familiar de acordo com os cantões⁴⁵, além de preservarem o princípio de solidariedade, as vilas mais abastadas ajudavam as mais pobres, era o verdadeiro apoio mútuo preconizado por Kropotkin.

As coletividades não ficaram restritas apenas às funções agrícolas, contribuiu para o desenvolvimento da cultura, dado que cada coletividade possuía uma ou duas escolas com a função de formar secretárias e contadores para o trabalho local, sendo que em Moncada fora criada uma universidade composta de 300 alunos.

Para Gaston Leval, as coletividades, muitas vezes, partiam da espontaneidade da população, eram organizadas de modo que todos pudessem ter voz e que determinassem o futuro daquela coletividade. Para isso, realizavam-se reuniões, assembleias semanais ou mensais.

Leval diz que,

Na coletivização da terra, as modificações mais importantes foram: o aumento do emprego de máquinas e da irrigação, a extensão da policultura, o plantio de árvores de todas as espécies. Na criação de animais: a seleção e a reprodução das espécies, sua adaptação às condições do meio, do clima, da alimentação, etc., e a construção em larga escala de estábulos, chiqueiros e apriscos coletivos. (LEVAL, 2002, p. 90)

Construídas a partir de modo espontâneo, é importante ressaltar que elas não foram exclusividades dos anarquistas,

⁴⁴ Catalunha: 40 coletividades, Levante: 900 coletividades, Castela: 300 coletividades, Estremadura: 30 coletividades, Aragão: 400 coletividades, sem contar os dados desconhecidos da região da Andaluzia.

⁴⁵ Organização regional.

As coletividades não foram a obra exclusiva do movimento libertário. Conquanto tivessem aplicado princípios jurídicos claramente anarquistas, elas foram amiúde a criação espontânea de pessoas afastadas desse movimento. A maioria das coletividades de Castela e de Estremadura foram obras de camponeses católicos e socialistas, inspirados ou não pela propaganda de militantes anarquistas isolados. (LEVAL, 2002, p. 93)

Esse dado nos mostra como o próprio pensamento anarquista está intrinsecamente disseminado na população, pois mesmo não sendo construídas por militantes anarquistas, várias coletividades foram edificadas sobre bases claramente libertárias, de modo que levou até mesmo católicos e socialistas⁴⁶ a participarem desse processo autogestionário.

Frank Mintz nos traz, também, informações importantes para a coletivização do perímetro urbano, ou seja, das indústrias. O setor metalúrgico terá 11 atos de expropriação de fábricas e oficinas, isso no mês de agosto de 1936; para o setor de vestuário contamos 15 atos de expropriação e no setor de edições e papelaria 29 atos. O autor ainda aborda questões importantes como a transformação das classes proprietárias nesse processo, para Mintz “se nos coletivos agrários os ricos sofreram uma mudança de sua condição, foi só quando a CNT e a UGT estavam unidas, pois, de outro modo, o PC [...] protegia os ricos e os opositores da autogestão.” (MINTZ, 2016, p. 140)

A afirmação de Mintz sobre as ações do Partido Comunista na Espanha acompanha o raciocínio de Rudolf Rocker que busca mostrar a preocupação de Josef Stálin que “estava deliberadamente alimentando o avanço das atividades secretas das grandes potências capitalistas e na causa da contrarrevolução contra os esforços dos trabalhadores e agricultores espanhóis.”(ROCKER, 2016, p 48), tutelado pela URSS o PCE tornou-se “defensor não apenas da pequena burguesia, como também da grande burguesia espanhola, contra as demandas dos trabalhadores.” (ROCKER, 2016, p. 56). Isso acompanha as diretrizes da IC que preconizava àquela época a defesa da revolução democrático-burguesa, portanto, a revolução social estava fora de cogitação para os comunistas.

Abel Paz mostra que a política do governo seguia as diretrizes propostas⁴⁷ pela URSS que deveria demonstrar a burguesia da França e da Inglaterra que a Espanha não estava passando por um processo revolucionário, mas sim por uma guerra contra o

⁴⁶ Segundo Leval, membros da UGT participavam de coletividades, isso quando não ajudavam a edificá-las.

⁴⁷ Largo Caballero era assessorado por Marcelo Rosenberg, embaixador soviético que estava em Madri.

fascismo pela preservação da República. A capital do país era o centro da contrarrevolução, negava ou era morosa a qualquer forma de auxílio solicitado pela Catalunha, desde a requisição de máquinas, matérias-primas e armamentos.

Largo Caballero tinha propósitos próximos aos dos comunistas, ambos queriam acabar com o poder da classe trabalhadora,

Com esse intuito, era preciso acabar com o contra-poder operário, com a socialização e a coletivização efetivas, nacionalizar a indústria de guerra e respeitar a pequena propriedade. O Estado devia, ainda por cima, monopolizar o comércio externo e dissolver organismos tais como a Federação das Coletividades do Levante, as quais vendiam diretamente ao estrangeiro os seus próprios produtos. (PAZ, sd.b, p. 79)

Sobre esse posicionamento, os grupos anarquistas declaram que não haveria sentido para o trabalhador combater em uma guerra que não fosse revolucionária, a destruição do fascismo só seria possível pela vitória da revolução social que tanto republicanos⁴⁸ quanto fascistas objetivavam destruir.

O *Solidaridad Obrera* defendeu as coletividades dos ataques do governo alegando,

[...] que uma política desse gênero só pode conduzir à derrota, pelo fato que a defesa oposta ao fascismo não tem outro motivo para além do entusiasmo revolucionário da classe operária. Se a guerra for despojada do seu caráter revolucionário, nenhum trabalhador irá bater-se por um governo semelhante àquele que estava no poder antes do 19 de julho. (SOLIDARIDAD OBRERA *apud* PAZ, sd.b, p. 80)

Antony Beevor aponta o comportamento do Partido Comunista nesse contexto,

Os defensores mais loquazes da propriedade não era os republicanos liberais, como seria de se esperar, mas o Partido Comunista e seu ramo catalão, o PSUC. Ambos seguiam a linha do Comintern de ocultar a revolução. La Pasionaria e outros membros do seu comitê central negaram enfaticamente que algum tipo de revolução estivesse acontecendo na Espanha e defenderam com todo o vigor empresários e pequenos proprietários. (BEEVOR, 2007, p. 175)

E continua

Essa postura antirrevolucionária receitada por Moscou levou em grande número elementos da classe média para as fileiras comunistas. Até os jornais tradicionais da comunidade empresarial catalã, Vanguardia e Noticiero, elogiaram o modelo soviético de disciplina. Enquanto isso, o modelo anarquista já se fizera sentir em toda a zona republicana, mas acima de tudo no cinturão costeiro do Mediterrâneo. (BEEVOR, 2007, p. 175)

⁴⁸ Comunistas, socialistas e a direita autônoma.

Enquanto isso, em Barcelona a ideia de supressão do Comitê Central de Milícias estava em voga e, mesmo com todos os problemas e críticas por algumas medidas que soavam autoritárias, esse comitê fora obra da classe trabalhadora. Ao lado dessa questão, tínhamos a integração da CNT no governo da Generalitat⁴⁹ que segundo, Paz, representava o início do recuo da revolução. Entretanto, em Aragão, os cenetista se radicalizavam, entre eles, Durruti.

Durruti expunha a necessidade de se criar uma Federação regional que pudesse compreender todos os problemas de Aragão. Desde o início da revolução, a região fora a primeira a se levantar em armas de modo espontâneo e Durruti tinha uma contribuição muito importante lá, pois diversas vezes combateu ao lado das coletividades aragonesas contra as milícias estalinistas que tinham por objetivo destruir esses coletivos.

Com o recrudescimento do governo para com os anarquistas⁵⁰, Durruti ao lado de companheiros como Abad de Santillan desenvolveram um plano para retirar o dinheiro do *Banco de España* em Madri para que pudesse garantir a salvação da revolução. Santillan, por sua vez, não conseguiu dar continuidade ao plano que teria sido comunicado ao Comitê Central da CNT e gerado pavor nas fileiras cenetistas, pois acreditavam que isso poderia levar ao conflito entre a capital e a Catalunha. Durruti ficou enraivecido com a postura de Santillan, dizendo a ele “que, se tinha um certo valor, como teórico, como homem de ação era uma completa nulidade.” (DURRUTI *apud* PAZ, sd.b, p. 97)

O fracasso dessa operação nunca fora esquecido, isso porque,

Em 13 de setembro de 1936, o conselho de ministros autorizou Negrín a transferir o ouro e a prata que restavam no Banco de España para Moscou. Dois dias depois, 10 mil caixotes cheios de metal precioso partiram da estação de Atocha e chegaram aos armazéns de La Algameca no porto de Cartagena em 17 de setembro. Um quinto, 2200 caixotes, foi enviado para Marselha e o restante, 7800 caixotes, remetido para Moscou via Odessa. Foram acompanhados por uma equipe do NKVD e guardados por um destacamento de *carabineros*. Ao chegar a Odessa, o 173º Regimento de Infantaria do NKVD assumiu a guarda. Essas 510 toneladas de metal precioso representavam pelo menos 518 milhões de dólares em valores em 1936. Uma das primeiras contas que a República tinha de pagar com o ouro chegavam a 51.160.168 dólares. Era pelo “apoio militar fraterno” já fornecido. (BEEVOR, 2007, p. 232)

⁴⁹ Governo da Catalunha.

⁵⁰ Nesse estágio o governo, a essa altura já totalmente a mercê dos soviéticos, recusava-se a garantir armamentos para as milícias no *front*.

Lembramos que a Espanha possuía a quarta maior reserva de ouro do mundo e agora estava nos cofres de Moscou. Nesse relato esclarecemos que a “pátria dos trabalhadores” não ajudara os republicanos por sua tendência antifascista, mas sim porque venderam sua ajuda. De acordo com Beevor, os armamentos comprados pela República eram obsoletos⁵¹ se compararmos com os armamentos usados pelos fascistas que usavam as inovações tecnológicas da guerra desenvolvidas pela Alemanha e Itália.

Os armamentos comprados eram repassados para as Brigadas Internacionais, portanto era muito raro chegarem até as milícias anarquistas, com isso iam-se minando as conquistas da revolução.

Após esse acordo entre o governo e os soviéticos, Largo Caballero rompe o pacto do qual tinha feito com as milícias que garantiriam o auxílio republicano aos que lutavam no *front*. A partir do rompimento, a República promulga o decreto de militarização das milícias, ou seja, era a introdução da hierarquia e do código militar. Era o início da vitória dos soviéticos sobre a revolução.

O Partido Comunista da Espanha⁵² tinha claramente definido seus objetivos na guerra,

Nós estamos lutando hoje por uma república democrática, e não estamos envergonhados disso. Nós estamos lutando contra o Fascismo, contra invasores estrangeiros, mas nós não estamos lutando hoje pela revolução socialista. Existem pessoas que nos dizem que deveríamos nos posicionar pela revolução social e aqueles que proclamam que nossa luta por uma república democrática é apenas um pretexto onde estão escondidos nossos propósitos reais. Não, nós não estamos levando a frente nenhuma manobra tática, tampouco tipo de segunda intenção contra o governo espanhol e a democracia mundial. Estamos lutando com total sinceridade pela república democrática, porque no presente não estamos fazendo nenhum movimento para a revolução social, e isso permanecerá assim por muito tempo após a vitória sobre o Fascismo. Qualquer outra atitude não apenas favorecerá a vitória dos invasores fascistas como também contribuirá para levar o fascismo para os estados democráticos que ainda existem. Pois os fascistas declararam que eles não irão tolerar uma ditadura do proletariado nesse país em nenhuma circunstância. (CARILLO *apud* ROCKER, 2016, pp. 56-57)

O posicionamento de Carillo representa as prerrogativas do PCE atrelado ao PCUS para eles os esforços deveriam estar concentrados na salvação da República e, o primeiro passo, para seus objetivos eram a militarização das milícias antifascistas. Os milicianos, por sua vez, foram totalmente contra esse decreto, principalmente os homens

⁵¹ O autor alega que muitos dos armamentos enviados pelos soviéticos eram da época czarista.

⁵² Reproduzimos a fala de Santiago Carillo membro do PCE, um dos mais influentes ao lado de *La Pasionaria*.

de Durruti, para eles “[...] o militarismo é parte integrante do fascismo. O exército é o instrumento típico do autoritarismo. Suprimir o exército, é suprimir a possibilidade que o autoritarismo tem de oprimir o povo.” (PAZ, sd.b, p. 107)

Os anarquistas estavam em constante ataque, se, por um lado, lutavam contra a militarização das milícias, de outro lado, Largo Caballero visava a todo custo acabar com as conquistas da classe trabalhadora, promulgava medidas que previam a nacionalização das indústrias coletivizadas, era a transferência do controle operário para uma burocracia dirigente.

Nesse contexto não era somente a Indústria que estava sobre ataque, de acordo com Paz, o Ministro da Agricultura, o comunista Vicente Uribe, decretou que somente a terras de proprietários fascistas poderiam ser expropriadas desde que se comprovassem a relação do proprietário com o fascismo. Esse decreto visava exclusivamente as coletividades libertárias que haviam sido criadas a partir da expropriação dos latifundiários. Contudo “[...] visou também os transportes coletivizados e as minas expropriadas; em poucas palavras, alvejou toda a obra revolucionária.” (PAZ, sd.b, p. 110)

Pensando em minar constantemente o movimento libertário, Antonov Ovssenko⁵³ aconselhou Lluís Companys, presidente da *Generalitat*, que seria importante enviar uma delegação espanhola à Moscou para celebrar o aniversário da Revolução de Outubro, o Comitê regional da CNT deu o seu aval e indicaram Durruti para ser seu representante no evento. Durruti debochou de tal convite, pois para ele seria até positivo para fazer a propaganda da Revolução Espanhola e do movimento anarquista para os trabalhadores soviéticos, mas ele mesmo acreditava ser tal atividade impossível, pelo fato de que essa visita deveria ser completamente monitorada pela GPU⁵⁴. Durruti passou a decisão para o Comitê de Guerra da Coluna e este decidiu por enviar Francisco Carreño com uma carta dirigida aos trabalhadores soviéticos, a carta assim foi redigida por Durruti,

Saudações para os operários da União Soviética. Companheiros, daqui vai uma saudação fraterna, da Frente de Guerra de Aragão, onde milhares dos vossos irmãos lutam, como vocês há vinte anos lutaram para a emancipação de uma classe ofendida e humilhada durante séculos.

⁵³ Cônsul soviético que auxiliava o governo da Generalitat contra os anarquistas.

⁵⁴ Polícia secreta soviética.

Há vinte anos, içaram os trabalhadores russos, a Leste, a bandeira vermelha, símbolo da fraternidade entre os proletários do mundo, nos quais vocês depositaram toda a vossa confiança, para que eles vos ajudassem na grande obra que vocês tinham empreendido. Depósito do qual nós, os trabalhadores do mundo, nos soubemos encarregar, respondendo com abnegação, segundo as possibilidades que possui o proletariado.

Hoje, é no Ocidente que se efetua, também, uma revolução. E aí flutua, também, uma bandeira que representa um ideal que, ao triunfar, unirá, com laços fraternais, dois povos que foram espezinhados pelo czarismo, por um lado, e pela monarquia despótica, pelo outro.

Hoje, trabalhadores russos, somos nós quem remete entre as vossas mãos a defesa da nossa revolução. Não temos confiança na política que se diz democrática ou antifascista. Nós acreditamos nos nossos irmãos de classe, nos trabalhadores. São eles – são vocês – quem deve defender a revolução espanhola, coisa que aliás nós fizemos, há vinte anos, quando defendíamos a Revolução Russa.

Tenham confiança em nós, nós somos autênticos trabalhadores, e, por nada no mundo, renunciaremos aos nossos princípios de luta emancipadora da classe operária.

Um abraço de todos os trabalhadores que lutam contra o fascismo com as armas na mão, na Frente de Guerra de Aragão.

O vosso camarada, Durruti (DURRUTI *apud* PAZ, sd.b, pp. 112-113)

Ressaltamos que na referida carta, Durruti não menciona, uma vez sequer, a figura de Stálin ou de qualquer outro membro do Partido. Durruti dirige está carta, única e exclusivamente, aos trabalhadores soviéticos. Defende, por sua vez, o legado da Revolução de 1917 traçando um paralelo com a revolução em curso na Espanha, pois para ele o significado é o mesmo, a emancipação da classe produtora.

Enquanto isso em Madri, os fascistas ganhavam posição constantemente, os republicanos, consideravam a cidade perdida a essa altura para eles. O pânico generalizou-se entre o alto escalão do governo, muitos decidiram que a melhor saída seria a fuga da capital. Em resposta, Durruti faz um discurso duro e impactante em defesa da revolução que foi publicado no *Solidaridad Obrera*⁵⁵,

Trabalhadores da Catalunha, dirijo-me a vós. A ti, povo generoso que, há quatro meses, soubeste quebrar a tentativa dos que te queriam golpear à sabrada e esmagar-te debaixo das suas botas! Trago-te a saudação fraterna dos irmãos e companheiros que lutam na frente de guerra de Aragão, a alguns quilômetros de Zaragoza, à vista das torres da catedral.

Apesar da ameaça que pesa sobre Madri, é preciso tomar em linha de conta que há todo um povo de pé que nada no mundo poderá fazer recuar.

Nós resistiremos até o fim, na frente aragonesa, às hordas fascistas, e dirigimo-nos aos nossos irmãos de Madri para exortá-los à resistência,

⁵⁵ O discurso de Durruti foi publicado no *Solidaridad Obrera* de 6 de novembro de 1936 na página 12.

porque os milicianos catalães saberão fazer o seu dever, como quando se lançaram nas ruas de Barcelona, para esmagarem o fascismo.

As organizações operárias não devem esquecer o dever imperioso que as circunstâncias atuais lhe ditam. Na frente de guerra, nas trincheiras, reinam um só pensamento, um só desejo, um só objetivo: vencer o fascismo!

Nós pedimos ao povo catalão que acabe com as lutas intestinas e as intrigas: estai à altura das circunstâncias, renunciad às velhas querelas e à política, para não pensardes senão na guerra. O povo catalão tem o dever de responder aos esforços dos que lutam na frente. Não há outro meio senão mobilizar toda a gente, mas não se vá imaginar que nos vamos sempre limitar a mobilizar os mesmos! Como os trabalhadores da Catalunha assumem a tarefa de aguentar a frente, chegou o momento de exigir também o sacrifício daqueles que vivem nas cidades. É necessário que sejam efetivamente mobilizados todos os trabalhadores da retaguarda, porque nós, que já estamos na frente, queremos saber com que homens podemos contar atrás de nós. E que ninguém pense agora em aumentos de salário e em reduções de horas de trabalho.

O dever de todos os trabalhadores, especialmente dos da CNT, é sacrificarem-se e fabricarem tudo o que é falta.

Dirijo-me às organizações para lhes pedir que renunciem às suas velhas querelas e às rasteiras. Nós, combatentes da frente, pedimos sinceridade, sobretudo à FAI e à CNT pedimos aos dirigentes das organizações para serem leais. Não basta que nos mandem para a frente cartas de encorajamento, vestuário, comida e munições. É preciso também saber olhar a realidade presente e o futuro. Esta guerra comporta todas as sobrecargas da guerra moderna e custa muito caro à Catalunha. Os dirigentes das organizações devem, a partir de agora, render-se a evidência, que, se esta guerra se prolonga, vai ser necessário começarmos por organizar a economia catalã segundo um plano racionalmente concebido.

Se é verdade que se luta por qualquer coisa de superior, estão os milicianos a demonstrar-vos isso, os milicianos que sorriem logo que veem as subscrições feitas na imprensa a seu favor, quando veem esses cartazes pedindo auxílio para os socorrer. Eles sorriem porque, quando os aviões fascistas lhes lançam jornais, neles encontram subscrições e apelos idênticos.

Se quereis suprimir o perigo, é preciso formarmos um bloco de granito.

Chegou o momento de convidarmos as organizações sindicais e os partidos políticos a acabarem de uma vez por todas com tais processos. Na retaguarda, deve-se saber administrar. Nós, que estamos na frente, queremos ter atrás de nós responsáveis e garantias, e exigimos que sejam as organizações que zelem pelas nossas companheiras e pelos nossos filhos.

Se esta militarização decretada pela Generalitat é feita para nos intimidar e nos impor uma disciplina de ferro, estão muito enganados, e nós convidamos os autores do decreto a subirem até à frente de guerra, para se aperceberem do grau do nosso moral e da nossa disciplina; logo a seguir, nós viremos compará-los com o moral e a disciplina da retaguarda.

Estejam descansados: não há, na frente, nem caos, nem indisciplina. Cada um de nós tem consciência das suas reponsabilidades, porque nós sabemos que tesouro vocês nos confiaram. Durmam tranquilos. Mas nós deixamos a Catalunha, confiando-vos a direção da economia. Assumam vocês também as vossas responsabilidades, disciplinem-se. Urge que, por causa da vossa incapacidade, não nasça outra guerra civil entre nós, depois da guerra atual.

Se cada um pensa que o seu partido é o mais forte para impor a sua política, engana-se, porque devemos fazer face à tirania fascista, opondo-lhe uma só força, uma só organização, com uma disciplina única.

Por nada no mundo, os tiranos fascistas passarão no sítio onde estamos. Eis as instruções da frente de guerra. Nós gritamos: vocês não hão-de passar! Cabe-vos agora a vez de dizer: eles não hão-de passar! (DURRUTI *apud* PAZ, sd.b, pp.118-120)

O discurso de Durruti é um verdadeiro manifesto de seu pensamento e posicionamento durante a revolução. Ele centra sua atenção aos conflitos políticos travados no interior do governo republicano, dando ênfase que naquele momento o que eles mais precisavam era de unidade que pudesse assegurar a vitória dos antifascistas, porque do outro lado, os nacionalistas se encontravam unidos em torno da figura do *caudillo*⁵⁶. Pregava a unidade em relação ao *front* e a cidade, dado que os milicianos precisavam saber com quem poderiam contar na retaguarda.

A produção deveria estar voltada para as necessidades do campo de batalha, todos os trabalhadores se ocupariam de produzir tudo o que falta, sem pensar, naquele momento, em aumentos salariais e redução da jornada de trabalho. A própria economia da Catalunha precisaria ser reorganizada de modo racional, visto que a guerra se prolongava.

Durruti cobrara fidelidade aos princípios da CNT-FAI por parte de seus dirigentes, isso pode ser entendido como uma crítica à postura dos cenetistas que participavam do governo republicano que muitas vezes causavam mais danos do que contribuições à causa revolucionária, principalmente porque nesse período os representantes dos interesses soviéticos já havia conquistados postos-chaves na República, fazendo com que a participação dos cenetistas não surtisse praticamente nenhum efeito. O próprio interesse da URSS na Espanha era muito claro, pois “até onde a Catalunha é afetada, a limpeza de elementos trotskistas e anarcossindicalistas já começou, e ela será levada a cabo lá com a mesma energia que na URSS.” (PRAVDA *apud* ROCKER, 2016, p. 70)

A crítica durrutiana aos cenetistas não ecoava de maneira solitária, era acompanhada pela maioria da classe trabalhadora que via essa atitude como uma traição aos ideais da própria organização anarcossindicalista. Nesse contexto, Abel Paz mostra que a popularidade de Durruti cresce absurdamente no período, isso porque ele

⁵⁶ Designação dada ao General Francisco Franco.

canalizava em si os anseios do povo, nele os trabalhadores enxergavam o espírito da revolução de 19 de julho. Isso só era possível porque Durruti tinha uma concepção de teoria e prática como algo único, se ele criticava a proposta soviética de militarização das milícias, ele mantinha a estrutura coletivista de sua Coluna. Sua luta por uma sociedade sem classes já refletia na postura dos milicianos em sua Coluna.

Com o avanço dos fascistas sobre a capital espanhola, os militantes da CNT⁵⁷ que se encontravam no governo decidiram que seria importante a ida da Coluna Durruti para lá, já que sua popularidade poderia aumentar os ânimos dos que estavam no *front* madrilenho.

Durruti aceita partir para a libertação de Madri tendo em mente que após a conquista da capital retornaria para Aragão com o intuito de continuar a defesa das coletividades aragonesas. De acordo com Abel Paz, ele fora encarregado por libertar um setor da Cidade Universitária com o auxílio da Coluna Libertad-López Tienda que correspondia a um efetivo de 2.200 homens, entretanto, o delegado da Coluna Libertad, militante do stalinista PSUC, El Néguis, se recusa a colocar-se sobre o comando de um anarquista. Os problemas de Durruti com os comunistas marcaram sua campanha em Madri.

No dia 15 de novembro a Coluna Durruti decide atacar a Cidade Universitária, porém não obtém sucesso nas três tentativas realizadas. Os fascistas que conseguiram fortificar suas posições disferiam ataques à altura de 400 metros, o que tornava o avanço dos milicianos muito difícil. Paz alega que Durruti nessa empreitada perdera um terço de seus homens, enquanto López Tienda perdera quase todos os seus homens.

Para o dia seguinte de investida à Cidade Universitária o resultado fora positivo,

A Faculdade das Ciências tinha sido tomada de assalto, com Durruti caminhando à cabeça dos seus homens. O edifício estava protegido com sacos de terra e defendido por metralhadoras. A linha de metralhadores foi atacada à granada. Os homens entraram, como um jato, no interior do edifício. Houve combates à arma branca no vestíbulo, nas escadas, nas caves. A batalha durou várias horas, até o momento em que os internacionais se juntaram aos homens de Durruti. A batalha, então, chegou ao fim. (PAZ, sd.b, p. 137)

Continuando

⁵⁷ Os anarquistas no governo foram: Juan Garcia Oliver (Ministro da Justiça), Federica Montseny (Ministra da Saúde e Assuntos Sociais), Juan Peiró (Ministro da Indústria) e Juan López (Ministro do Comércio).

Os internacionais e os homens de Durruti confraternizaram: “não há afeto mais sincero que aquele que nasce num verdadeiro momento de perigo, escreve Mira. Com que ingenuidade trocávamos os despojos, os objetos, para possuímos recordações mútuas, depois dessa noite trágica, durante a qual todos pensavam, não sem razão, que tinham renascido.” (PAZ, sd.b, p. 137)

A conquista da Faculdade das Ciências deixa claro que as milícias possuíam sua estratégia de combate e que muitas vezes resultava em sucessos “militares”, contradizendo dessa forma a versão soviética de que somente um exército hierarquizado saberia agir com rigor nos momentos de combates acirrados.

Durante esses dias, no fracasso e na vitória, Durruti seguiu lutando ao lado de seus homens acreditando que a conquista da capital poderia ser possível após sua última luta, “mas a cobertura de artilharia e o apoio aéreo que tinham sido prometidos não se materializaram. (Quer tenha sido proposital ou por desmazelo, as suspeitas anarquistas sobre as táticas comunistas aumentaram muito.)” (BEEVOR, 2007, p. 266)

O questionamento levantado acerca da participação comunista no descumprimento do envio de reforços é muito importante, pois é exatamente essa carência que custaria a perda de Madri, isso nos permite pensar em caso afirmativo que os comunistas se beneficiariam com a derrota da Coluna Durruti, isso porque ela carregava os ideais pelos quais os trabalhadores estavam lutando e caindo esse bastião ficaria mais fácil à URSS impor sua política na Espanha.

A ausência dos reforços prometidos resultou numa enorme baixa para a Coluna Durruti. Nesse momento ela contava com 700 homens e carecia de suprimentos básicos como munições e alimentos. Durruti argumentava que para continuar a campanha madrilenha era necessária uma reorganização das milícias e, o mais importante, garantir a substituição dos milicianos mortos e feridos. Entretanto essas solicitações de Durruti nunca foram atendidas.

Abel Paz informa que Durruti havia decidido ir até o Ministério da Guerra com intuito de solicitar reforços, pois tinha necessidade de substituir os combatentes que se encontravam esgotados. No ministério ele explicou a situação ao General Miaja que entendeu as solicitações de Durruti, porém disse que não poderia atendê-las antes do fim da operação de conquista do Hospital Clínico.

Durruti lembrou ao general que não dispunha de mais de 400 homens, tendo perdido 1400. Semelhante situação não predispõe para aguentar o ânimo da tropa de choque, por muito corajosa que ela seja. O general Miaja não podia

deixar de estar de acordo sobre este ponto; contudo, disse-lhe que ia juntar-lhe novas forças que arcaíam com o peso do ataque ao Hospital Clínico. (PAZ, sd.b, p. 141)

Como pudemos constatar, Durruti enfatizava, a todo o momento, o desgaste da tropa e a carência de milicianos, dado que nas lutas em Madri perdera 1400 homens. Pensando na resposta de Miaja, ele permaneceu no Ministério da Guerra trabalhando em alguma forma de reorganizar as milícias de modo que se pudessem resguardar alguns homens, como fora feito entre os internacionais.

Nessa estadia no ministério, Durruti tomou ciência de que o Partido Comunista teria radicalizado sua política no tocante a militarização das milícias para a batalha de Madri. Sempre ancorado nas prédicas anarcossindicalistas, ele criticou a política de militarização, entretanto, demonstrou uma perspicaz noção da real situação dos combatentes ao propor que os milicianos confederais devessem se unir para que pudessem conduzir uma luta conjunta contra os fascistas e assim conseguir libertar Madri, presava dessa forma a organização, porém não militarista.

No dia seguinte seria realizado o ataque ao Hospital Clínico. Durruti havia aconselhado iniciar o ataque pelas caves, mas as tropas não seguiram esse conselho e acabaram se dispersando entre os andares do edifício, perdendo, dessa forma, o contato entre si. Durruti precisou solicitar a um capitão para que dirigisse alguns de seus homens para poder ir ao auxílio dos que estavam no edifício, que àquela altura encontravam-se bloqueado pelos fascistas.

A desorientação dos milicianos causou um pânico generalizado levando muitos abandonar o *front*. Durruti ciente da fuga correu em direção a eles buscando entender o motivo do medo e do abandono de seus postos, convenceu-os a retornarem à suas posições, porém quando se dirigia ao seu veículo, Durruti caiu alvejado por uma bala no peito. Imediatamente foi encaminhado para o hospital das milícias, permaneceu em coma vindo a falecer no dia 20 de novembro de 1936 aos 40 anos de idade.

A comoção à morte de Buenaventura Durruti espalhou-se por toda Espanha, em seu funeral reuniram-se aproximadamente 500.000 pessoas⁵⁸ dentre militantes da CNT-FAI, combatentes das milícias e da população em geral. “A manifestação proletária que acompanhou o corpo de Durruti permanece, juntamente com o enterro de Lenin, a

⁵⁸ Estimativa de José Bolufer.

manifestação operária mais importante da história do proletariado internacional” a Coluna Durruti garante que “a história e a lenda serão os seus nobres arautos” e as Juventudes Libertárias caracterizam Durruti como “o lutador que nunca tinha esquecido a oficina, o responsável de coluna, que desprezava honras e estrelas, era para os jovens libertários uma firme esperança” (PAZ, sd.b, p. 153)

A morte de Durruti gerou uma série de questionamentos acerca da circunstância em que ela ocorreu. Dentre as mais conhecidas temos a do historiador Hugh Thomas que adota muitos pontos da versão oficial stalinista, segundo o autor, a morte de Durruti poderia ter sido por uma bala perdida na Cidade Universitária ou mesmo arquitetada por militantes anarquistas que estariam descontentes com a postura crítica de Durruti. Leitura semelhante também pode ser encontrada em historiadores como Pierre Broué e Émile Témime.

A imprensa também repercutiu a morte do anarquista espanhol, o jornal *The Times* apresentou uma das mais fantasiosas visões sobre fatídico dia da morte de Durruti. Segundo o jornal, o anarquista teria sido assassinado por membros do grupo denominado *Los Amigos de Durruti*⁵⁹, entretanto, isso é completamente equivocado dado que o agrupamento só fora fundado em 1937 por membros dos grupos próximos a Durruti que lutavam pelos ideais libertários do qual Durruti seria o maior representante.

As circunstâncias de sua morte ainda não encontraram uma resposta concreta, sendo a mais aceita a de Antony Beevor devido ao próprio contexto no qual ela aconteceu, sendo que Durruti tomba no momento que está próximo a porta de seu veículo. Para Beevor “a trava de segurança do “naranjero” ou submetralhadora leve de um companheiro prendeu-se na porta de um carro e disparou uma bala em seu peito.” (BEEVOR, 2007, p. 267). Podemos acrescentar nesse detalhe levantado pelo autor as condições precárias⁶⁰ dos armamentos utilizados pelas milícias que poderiam facilmente causar um acidente fatal.

Qualquer que tenha sido as circunstâncias de sua morte, Buenaventura Durruti foi um dos grandes militantes do anarquismo espanhol e durante a revolução era

⁵⁹ Grupo formado em Barcelona por membros que militaram com Durruti nos grupos *Los Solidarios* e *Nosotros* lutavam com a mesma bandeira durrutiana, sendo os representantes, até o ano de 1939, da luta contra a militarização das milícias.

⁶⁰ Para uma referência sobre a precariedade dos armamentos pode ser consultado o filme *Terra e Liberdade* (1995) de Ken Loach.

catalisador das ideias de liberdade pela qual o povo estava a lutar, seja no *front*, nas coletividades ou nas Indústrias autogeridas.

Considerações finais

Pensar que um processo radical como a Revolução Espanhola (1936-1939) foi com frequência esquecido pela historiografia e quando era abordado tratava-se dele como um movimento messiânico ou com um programa arcaico, esse posicionamento pode ser encontrado em Eric Hobsbawm (*A Era dos Extremos e Revolucionários*) que se ancora em uma “história oficial” desenvolvida pela União Soviética, resultando em conclusões pré-concebidas que não correspondem com a realidade dos acontecimentos. Entretanto, também, encontramos obras que abrem caminhos para interpretações mais fidedignas sobre o processo espanhol, como por exemplo, o trabalho de Antony Beevor (*A batalha pela Espanha*) que elucida de maneira completa tanto a Guerra Civil quanto a Revolução, permeando os caminhos escolhidos por cada lado conflitante, contribuindo também para a atualização de estudos sobre a Espanha, como o desenvolvido nesse trabalho.

Imbuídos na perspectiva de que a classe trabalhadora está em um constante processo de *fazer-se classe*, como bem apontado por Edward Thompson e Eric Hobsbawm, desenvolvemos essa pesquisa buscando compreender como o movimento anarquista foi, constantemente, se constituindo em um dos maiores representantes dos trabalhadores na Espanha, isso desde a recepção de suas ideias até as práticas libertárias construídas no período.

Buenaventura Durruti enquadra-se nesse contexto, isso porque percebemos como sua contribuição fora muito importante para o assentamento dos ideais anarquistas e também na construção de suas organizações. Sua participação na Construção da Federação Anarquista Ibérica através da militância de seu grupo, *Los Solidarios*, contribuiu para que a recém-criada federação pudesse agir para impedir que tendências reformistas pudessem corromper o anarcossindicalismo da CNT, entretanto, esclarecemos que esse impedimento não era por uma imposição autoritária, mas era construída por um profundo trabalho de educação de seus quadros militantes que era

feito nos congressos, reuniões e assembleias, bem como pelos periódicos que circulavam nas fileiras operárias, a exemplo, temos o catalão *Solidaridad Obrera*.

O anarquismo de Durruti era profundamente enraizado nos ensinamentos deixados por Mikhail Bakunin e também nas práticas concretas do movimento libertário, como a *Makhnovtchina* encabeçada por Nestor Makhno na Ucrânia e outras experiências libertárias no decorrer da Revolução Russa e do movimento operário latino-americano. Todas essas experiências e militância garantiram a Durruti profundos ensinamentos que foram postos em prática durante toda sua vida e no transcurso da Revolução Espanhola, seja por sua Coluna ou após sua morte pelos seguidores de suas ideias que se encontravam torno do grupo *Los Amigos de Durruti*.

Concluimos essa pesquisa com a perspectiva de que a militância de Buenaventura Durruti desempenhou um papel muito importante para a própria organização e enraizamento do anarquismo em solo espanhol que resultou em processos de lutas profundas entre a relação capital e trabalho que confluíram no processo revolucionário de 1936 que garantiu as bases para a construção do comunismo libertário.

Fontes e referências bibliográficas

Documentação

Jornal Solidaridad Obrera, 15 de set. 1916 – 6 de nov. 1936.

Ata do III Congresso da CNT, 11 a 16 de junho de 1931. Disponível em: <https://www.cntvalladolid.es/IMG/pdf/congresosCNT/IIIcongreso.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

Ata do IV Congresso da CNT, 1 a 10 de maio de 1936. Disponível em: <http://www.cgtmurcia.org/cultura-libertaria/anarkobiblioteca/memoria-libertaria/de-1910-a-1939/1158-cuarto-congreso-de-cnt-acuerdos>. Acesso em 30/10/2018.

Livros

ABENDROTH, Wolfgang. **A História Social do Movimento Trabalhista Europeu**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

BAKUNIN, Mikhail. “Carta a Francisco Mora”. In BAKUNIN, Mikhail. **Obras Seletas 1**. São Paulo: Intermezzo, 2017, pp. 177-179.

_____. “Carta a Anselmo Lorenzo”. In BAKUNIN, Mikhail. **Obras Seletas 1**. São Paulo: Intermezzo, 2017, pp. 181-201.

_____. “Carta a Tomás González Morago”. In BAKUNIN, Mikhail. **Obras Seletas 1**. São Paulo: Intermezzo, 2017, pp. 203-214.

_____. “Irmãos da Aliança na Espanha”. In BAKUNIN, Mikhail. **Obras Seletas 1**. São Paulo: Intermezzo, 2017, pp. 215-225.

BALKANSKI, Georges. “A Obra Construtiva da Revolução Espanhola”. In ITINÉRAIRE. **Durruti: da Revolta à Revolução**. São Paulo: intermezzo, 2015, pp. 75-93.

BARRUÉ, Jean. “Notas”. In BRUPBACHER, Fritz. **Bakunin, o Satã da Revolta**. São Paulo: Intermezzo, 2015, pp. 141-233.

BEEVOR, Antony. **A Batalha pela Espanha: A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro, 2007.

BERTHIER, René. “Concepções Anarco-sindicalistas de Autogestão”. In LEVAL, Gaston *et al.* **Autogestão e Anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2002, pp. 61-73.

BOLUFER, José. “A Mensagem de Durruti: Catalisador da Revolução”. In ITINÉRAIRE. **Durruti: da Revolta à Revolução**. São Paulo: intermezzo, 2015, pp. 127-133.

BRUPBACHER, Fritz. BRUPBACHER, Fritz. **Bakunin, o Satã da Revolta**. São Paulo: Intermezzo, 2015.

EINSTEIN, Carl. “A Coluna Durruti”. In LE LIBERTAIRE. **Espanha Libertária: a Revolução Social contra o Fascismo**. São Paulo: Imaginário, 2002, pp. 75-83.

HOST, Georges. “Durruti – O Povo em Armas”. In ITINÉRAIRE. **Durruti: da Revolta à Revolução**. São Paulo: intermezzo, 2015, pp. 95-113.

KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um Revoltado**. São Paulo: Imaginário, 2005.

LEVAL, Gaston. “Princípios e Ensinaamentos das Coletivizações”. In LE LIBERTAIRE. **Espanha Libertária: a Revolução Social contra o Fascismo**. São Paulo: Imaginário, 2002, pp. 85- 94.

MALON, Benoît. **A Internacional: sua história e seus princípios**. São Paulo: Imaginário, 2014.

MINTZ, Frank. **Autogestão e Anarcossindicalismo: análise e críticas relativas à Espanha, 1931-1990**. São Paulo: Intermezzo, 2016.

PAZ, Abel. “Prelúdios à Revolução”. In ITINÉRAIRE. **Durruti: da Revolta à Revolução**. São Paulo: intermezzo, 2015, pp. 35-43.

_____. **O Povo em Armas: Buenaventura Durruti e o Anarquismo Espanhol**. Lisboa: Assírio e Alvim, sd.

_____. **O Povo em Armas: Buenaventura Durruti e o Anarquismo Espanhol**. Lisboa: Assírio e Alvim, sd.b.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **A Solução do Problema Social**. São Paulo: Intermezzo, 2015.

ROCKER, Rudolf. **A Tragédia da Espanha: Notas sobre a Guerra Civil**. São Paulo: Terra Livre, 2016.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Comunas e Federações, Territórios Libertários: a espacialidade anarquista durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SKIRDA, Alexandre. **Os Anarquistas Russos, os Sovietes e a Revolução de 1917**. São Paulo: Intermezzo, 2017.